



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MONA SARA DOS SANTOS GUIMARÃES

**A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS**

FORTALEZA-CE

2015

MONA SARA DOS SANTOS GUIMARÃES

A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Monte Coelho Frota

FORTALEZA- CE

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

- G979i Guimarães, Mona Sara dos Santos
 A importância da resiliência para as professoras da educação infantil: reflexões introdutórias /
Mona Sara dos Santos Guimarães. – 2015.
 61 f.; 30 cm.
- Monografia (Especialização) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Curso de
Especialização em Docência na Educação Infantil, Fortaleza, 2015.
 Orientação: Profa. Dra. Ana Maria Monte Coelho Frota
1. Educação Infantil 2. Educação de crianças I. Título.

MONA SARA DOS SANTOS GUIMARÃES

A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO
INFANTIL: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de especialista.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Monte Coelho Frota

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Maria Monte Coelho Frota (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof.^a Dr.^a Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco José Chaves da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho aos meus pais,
Manoel de Jesus e Maria das Graças, por
todo amor e incentivo.

A Nyelsen Bruno, que sempre esteve ao
meu lado e acreditou na minha
capacidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que foi o meu primeiro e principal exemplo de mulher. Por todo o amor e dedicação. À senhora, todo o meu amor e admiração.

A meu amado pai, que sempre me deu amor. Ao senhor, todo o meu amor.

A Nyelsen Bruno, companheiro de todas as horas, por estar sempre ao meu lado, acreditando em mim e na minha capacidade. A você, todo o meu companheirismo.

À minha amiga, Nidiane Marjorie, pela amizade e imensa ajuda em todos os momentos. A você toda a minha amizade.

Às minhas amigas Wlândia Arruda e Ana Paula Moraes, pela essencial ajuda nos momentos mais difíceis. A vocês todo o meu agradecimento.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Frota, por toda a paciência, ajuda e apoio durante a realização deste trabalho.

Ao Ministério da Educação e Cultura, pelo financiamento a esta etapa complementar à minha formação profissional.

Às Professoras que participaram da pesquisa. A vocês, todo o meu agradecimento.

Obrigada também a todos os amigos que estiveram ao meu lado, ajudando nas leituras e me dando forças. Seria injusto citar nomes, pois com minha memória eu acabaria esquecendo alguém. A vocês, toda a minha gratidão.

RESUMO

A pesquisa em pauta teve como objetivo principal saber como as professoras da Educação Infantil fortalecem a sua capacidade de resiliência durante sua rotina profissional, a qual, muitas vezes, é extremamente desgastante. Busca-se refletir acerca dos fatores motivadores para que elas se mantenham na difícil profissão do magistério infantil, compreendendo o que as fazem voltar no dia seguinte para a sala de aula. Para tanto, verificou-se alguns conceitos relacionados à resiliência, e a importância de trabalhá-la no contexto educacional. Assim, procedeu-se a uma pesquisa de natureza qualitativa, com uma amostra de três sujeitos, em uma creche pública do município de Fortaleza, no estado do Ceará. A instituição está vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SME), mais especificamente ao Distrito de Educação da Secretaria Executiva Regional IV (SER IV). Buscando a interação entre a reflexão da teoria e a pesquisa, é que optamos por utilizar como instrumento da pesquisa o método da entrevista. Através dos dados coletados foi possível constatar que as três professoras participantes buscam lidar positivamente ao se depararem com os problemas que aparecem no dia a dia da profissão. Conclui-se que a resiliência deve ser trabalhada de forma constante na prática profissional das professoras, para que auxilie em um resultado cada vez mais efetivo e positivo no processo de ensino e na subjetividade de todos os indivíduos que fazem parte da escola.

Palavras-Chave: Resiliência. Professor. Educação Infantil.

ABSTRACT

The present research had as its main objective to find out how kindergarten teachers strengthen their capacity for resilience during their professional routine, which can sometimes be straining. We aimed at reflecting on their motivational factors for enduring the difficult task of child education and at understanding whatever reasons they have for coming back to work each following day. In order to pursue this research, we've outlined a few concepts related to resilience and its importance in the educational context. Thusly, a qualitative research followed, with sample interviews obtained from three subjects in a municipal daycare at Fortaleza, Ceará. This particular institution is linked to the Municipal Department of Education (SME), more specifically, to the Educational District of the Regional Executive Department IV (SER IV). We were also interested in the interaction between theory and research and in how one might reflect the other. So, we opted for utilizing the interviews as a means of research. Through the collected data, it was possible to ascertain that the three female teachers interviewed try to deal positively with the problems they encounter in their daily professional time. We, therefore, concluded that resilience must be a constant concern in the professional practice of teachers, in order for it to aid in a more effective and positive learning process and in order for it to have an effect subjectively on all the individuals who make up the educational process at a given school.

Keywords: Resilience. Teacher. Kindergarten.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CAPÍTULO I: DISCUTINDO SOBRE RESILIÊNCIA.....	11
2.1	Resiliência: o que é?	11
2.2	Resiliência na Educação Infantil	16
3	CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	20
3.1	Evolução Histórica da Educação Infantil no Brasil a partir dos marcos legais.	20
3.2	Objetivos e Funções da Educação Infantil	24
3.3	A importância da formação e a função do professor na Educação Infantil	27
4	CAPÍTULO III: METODOLOGIA	31
5	CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	35
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
	REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte do interesse em saber como os professores da Educação Infantil fortalecem a sua capacidade de resiliência durante sua rotina profissional, a qual, muitas vezes, é extremamente desgastante. Também interessa refletir acerca dos fatores motivadores para que eles se mantenham na difícil profissão do magistério infantil, compreendendo o que os fazem voltar no dia seguinte para a sala de aula.

Uma das maiores motivações para estudar essa temática diz respeito à curiosidade em saber como os professores da educação infantil fazem para manter-se estimulados durante todos os anos que estão em sala de aula. Além disso, deve-se considerar também o interesse em investigar como reagem os profissionais nas dificuldades cotidianas. É nesse contexto que a resiliência entra, como fator importante, com o objetivo de tentar entendê-las. Partindo da compreensão de Walsh (2005), resiliência é a capacidade de renascimento a partir de uma adversidade fortalecida e com mais recursos. Reitera-se que a importância deste estudo é a motivação para a difusão deste assunto, por compreendermos sua importância, e desejando levar o assunto para dentro e fora dos muros escolares. Partimos da assertiva de que o local de trabalho é uma das principais agências socializadoras do indivíduo e influencia no seu desenvolvimento, tanto interno como externo, é necessário pensar nele como um lugar capaz de promover saúde e bem-estar nos sujeitos.

Yunes (2003) mostra a importância em romper com o viés negativo e transformar velhas questões em novas possibilidades de compreensão de fenômenos psicológicos como felicidade, otimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos. Com isso, o estudo sobre este assunto mostra-se necessário para salientar sua importância, analisando como pode ser feito o seu trabalho docente infantil, buscando sempre um desenvolvimento humano fortalecido. Procura-se mostrar a resiliência como um fato possível de ser fomentado através da educação, tornando os indivíduos da sociedade capazes de enfrentar suas dificuldades e se fortalecerem por meio delas.

Desse modo, este trabalho busca a compreensão do estudo da resiliência no cotidiano profissional, buscando conhecer suas relações na docência e infantil. A pesquisa em pauta tem como objetivo conhecer fatores facilitadores e dificultadores

da prática docente do professor de educação infantil, refletindo como estes elementos podem se tornar instrumentos de crescimento e aprendizagem por meio do processo de resiliência.

No primeiro capítulo, apresentamos conceitos sobre a resiliência e sua relevância na sociedade atual, como também características gerais sobre *coping*, tendo como base conceitos de teóricos da área e estudos sobre o tema. Mostraremos como a resiliência pode ser usada para relacionarmos a teoria com a prática profissional. Buscamos também esclarecer a resiliência como uma capacidade de enfrentar adversidades e superá-las positivamente. Falaremos ainda da escola como um lugar fundamental de socialização e como a resiliência no contexto da Educação Infantil pode ajudar todos os atores educacionais, transformando experiências negativas em processos de aprendizagens. Discutimos, para finalizar, a importância da resiliência e a sua influência nas relações de prazer e sofrimentos presentes no contexto educacional infantil.

No segundo capítulo, mostramos a evolução histórica da Educação Infantil no Brasil a partir dos marcos legais e destacaremos como eles contribuíram para que essa etapa passasse a ser vista como primeira etapa da Educação Básica e como essencial para o desenvolvimento integral da criança. Apontamos, ainda, como os marcos legais foram essenciais na percepção das crianças como sujeitos históricos e sociais, que vivem dentro de uma cultura, capaz de modificá-la e ser modificadas por ela. Buscamos, para finalizar esta discussão, identificar e entender os processos aos quais a Educação Infantil foi submetida até chegar aos dias atuais, destacando suas funções e objetivos.

Salientamos a formação e as funções dos professores como parte importante para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade com as crianças.

No terceiro capítulo, trazemos a metodologia utilizada nesta pesquisa, buscando esclarecer o modo como foi feito este trabalho, nas fases de coleta e análise dos dados.

No quarto capítulo, apresentaremos a pesquisa de campo, seus principais achados e análises feitas. Analisamos as falas de três professoras da Educação Infantil a respeito de suas dificuldades profissionais e de como elas fazem para superá-las no cotidiano de ensino e aprendizagens. Ressaltamos que neste capítulo buscamos identificar, a partir dos relatos, observações e diário de campo, os fatores

que mais afetam negativa e positivamente a rotina do magistério e de como essas dificuldades são superadas, fazendo relação com teorias sobre a resiliência.

Por fim, no quinto capítulo, apresentamos as considerações finais acerca da pesquisa realizada. Ressaltamos que os achados obtidos neste trabalho fazem parte de uma pequena amostra do que é o grande universo da docência de crianças. Contudo, consideramos bastante significativos e representativos da realidade das professoras de educação infantil.

2 CAPÍTULO I: DISCUTINDO SOBRE RESILIÊNCIA

2.1 Resiliência: o que é?

Iniciaremos esse capítulo conceituando a resiliência e a sua importância no cotidiano da docência nas séries de Educação Infantil. Tomaremos por base conceitos de teóricos da área e estudos sobre o tema.

O conceito de resiliência partiu dos estudos da física e da engenharia. Podemos ver este fato a partir do modo como o termo é definido pelo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: “Resiliência - Conceito Físico: Propriedade pela qual a energia armazenada em um corpo deformado é devolvida quando cessa a tensão causadora de uma deformação elástica”. O mesmo dicionário continua: “Conceito Figurativo: Resistência ao choque”. Ao compararmos esses dois conceitos, começamos a ter uma noção de como a resiliência é importante nos processos de desenvolvimento humano. Explicaremos: ao passarmos por um sofrimento, “estaremos sendo deformados pela tensão”, mas ao elaborarmos estratégias e superarmos as dificuldades, “estaremos resistindo ao choque”.

Yunes embasada em Rutter (2003, p. 79) define resiliência como uma variação individual em resposta ao risco, afirmando: “os mesmos estressores podem ser experienciados de maneiras diferentes por diferentes pessoas”. Ele confirma que a resiliência “não pode ser vista como um atributo fixo do indivíduo”, e “se as circunstâncias mudam, a resiliência se altera” (p. 317). Afirma também que a resiliência não constitui uma característica ou traço individual. Assim, por não ser uma característica fixa, percebemos que a resiliência pode aparecer no sujeito em determinadas dificuldades e desaparecer em outros momentos de sofrimentos, variando de indivíduo para indivíduo.

Na compreensão de Walsh (2005), resiliência é a capacidade de renascimento a partir de uma adversidade, fortalecida e com mais recursos individuais. É um processo ativo de resistência, reestruturação e crescimento, em resposta à crise e ao desafio. Já Pereira (2010, p. 102) mostra que

a resiliência pode ser definida como a capacidade que algumas pessoas têm, tanto individualmente quanto em grupo, de resistir e enfrentar situações adversas, superá-las, sem perder seu equilíbrio inicial, e ainda saírem fortalecidas ou mesmo transformadas de maneira positiva a partir delas.

A partir dessas definições, podemos refletir e buscarmos compreender como as professoras da Educação Infantil elaboram estratégias de fortalecimento individuais e em grupos, a partir de infortúnios advindos da rotina escolar. Destacamos que esse conceito tem sido de extrema importância para se entender o processo de tratamento dos sobreviventes de traumas e adversidades.

Entendemos ainda que resiliência não é apenas enfrentar situações adversas, mas, sim, conseguir enfrentar as dificuldades com a aquisição de novas aptidões, de forma fortalecida. Sousa (2009, p. 19) acredita que “é deste processo dinâmico que vai resultar o eventual acesso a um nível desenvolvimental superior [...]”. Para complementar esse pensamento, citaremos Walsh (2005, p. 4) que compreende que a resiliência facilita às pessoas um processo de cura de feridas dolorosas, possibilitando-as viver e amar plenamente. Assim, relacionando com o contexto educacional, acreditamos na interferência da capacidade de resiliência, nas professoras de forma subjetiva, dentro e fora do ambiente escolar, influenciando como elas superam os sofrimentos no seu ambiente de trabalho.

Assis (2008) cita Infante (2005) e desconsidera a resiliência como um atributo pessoal, considerando-a um processo coletivo, construído entre a família, a escola, a comunidade e a sociedade. Mostra como o coletivo influencia o indivíduo, nesse caso, destacamos o ambiente de trabalho. Na verdade, considera o autor, podemos interpretar o processo resiliente através das interações dinâmicas “entre múltiplos fatores de risco e de resiliência, que podem ser familiares, bioquímicos, fisiológicos, cognitivos, afetivos, biográficos, socioeconômicos, sociais e culturais” (INFANTE, 2005 *apud* ASSIS, 2008, p. 11).

Barreira (2006, p. 78) vê a resiliência como forma do sujeito obter uma melhor qualidade de vida na superação das adversidades, envolvendo o seu contexto, sua cultura e ainda a responsabilidade coletiva, sendo capaz de responder de diferentes formas diante de um fracasso; de modo que alguns se esforçam e desenvolvem novas estratégias, enquanto outros, diante de um mesmo evento, abandonam seus esforços, e não buscam maneiras saudáveis de lidar com o problema.

É nesse ponto de vista que percebemos que o cenário escolar atual põe em vista a necessidade de buscarmos caminhos positivos para todos os atores educacionais, entendendo que a educação precisa de novas possibilidades que facilitem os processos de desenvolvimento humano integral. Como exemplo disso,

Assis (2006) acredita que todos os envolvidos na educação possuem papel fundamental para a promoção da resiliência. Para isso, parece ser inevitável relacionar resiliência com flexibilidade e adaptabilidade, condições necessárias e ideais à vida humana.

Sousa (2009, p. 17) mostra que precisamos entender a resiliência como um processo que não é inato, mas que vai sendo progressivamente construído e integrado pelo sujeito no seu percurso de vida, através das interações ao longo da vida. Destaca ainda fatores de ordem pessoal que se associam à resiliência, por exemplo, o temperamento.

A resiliência pode ser vista também como um fator que protege o homem de desequilíbrios psicológicos, durante toda a sua vida, diante de qualquer situação de vulnerabilidade. Nesse sentido, Ripar (2008) acredita que envolve um balanço entre tensões (fatores de riscos) e a capacidade de lutar (proteção) indivíduos. Os fatores de risco se originam de múltiplos eventos estressantes, traumáticos ou de tensão acumulada, associados a uma probabilidade elevada de comprometer a saúde.

Segundo Araújo (2009, p. 28), a resiliência pode ser compreendida como um processo entre os atributos subjetivos e seu ambiente familiar, social e cultural. Ou seja, a autora entende-o “como um conjunto de processos sociais e intrapsíquicos que possibilitam o desenvolvimento de uma vida sadia, mesmo vivendo em um ambiente não sadio, o que faz com que este processo seja por si uma característica da saúde mental”.

É relevante entender que um sujeito resiliente não é aquele que “foge” das situações desequilibradoras, mas aquele que as enfrenta buscando diferentes maneiras de lidar com o problema.

Scriptori (2010, p. 433-434) fala que:

Ser resiliente não significa não experimentar a dificuldade ou não sentir a dor e a aflição geradas por fatores adversos circunstanciais, pois o caminho da resiliência é feito de considerável aflição emocional. Exatamente por se tratar de um grande sofrimento emocional é que o sujeito tem necessidade de apoio e suporte solidário de outras pessoas do entorno, seja dentro ou fora da família. Pesquisas mostram que relacionamentos humanos desenvolvidos com base no amor e na confiança oferecem encorajamento e asseguram um suporte adicional à resiliência das pessoas prejudicadas.

Um conceito importante para a compreensão da capacidade de resiliência do indivíduo é o de *coping*, que se refere ao posicionamento e às ações individuais frente às situações negativas de vida. Segundo Pesce (2004) são esforços que o indivíduo usa, cognitivos e comportamentais, para lidar com as situações que induzem ao estresse.

Pode ser considerado como uma ação conduzida à resolução de uma situação problemática. Nas palavras de Cavalcante (2011, p. 35):

Coping também seria um conjunto de comportamentos conscientes e inconscientes que um indivíduo apresenta diante de uma situação que deseja mudar, a partir da elaboração das emoções resultantes de um estímulo estressante. Trata-se, pois, de um fenômeno composto por variáveis biológicas, psicológicas e sociais.

Já Assis (2008, p. 40) define como:

Uma palavra inglesa que significa estratégias adaptativas cognitivas e comportamentais que uma pessoa utiliza frente aos diferentes estresses, avaliadas pelo indivíduo como situações que sobrecarregam ou excedem seus recursos pessoais. É mais do que um único mecanismo de adaptação; é um constante processo adaptativo que o indivíduo lança mão ao administrar adversidades cotidianas e inesperadas, vencendo-as, minimizando-as ou tolerando-as. Essas estratégias requerem uma avaliação do indivíduo sobre o fenômeno estressante por meio da percepção, da interpretação e da representação que faz da situação. A utilização das estratégias de *coping* tem duas funções: regular o estado emocional que acompanha o estresse e atuar diretamente na situação que originou o estresse.

O *coping* é um processo dinâmico e permite o sujeito pensar sobre a situação estressante, possibilitando-o enfrentá-la e superá-la. Segundo Cavalcante (2011), representa esforços cognitivos e comportamentais, constantemente em troca, com objetivos de controlar demandas internas ou externas que excedem os recursos da pessoa. Sendo adaptado a cada indivíduo e a cada situação.

Assis (2006) salienta que é especialmente na infância e na adolescência que as estratégias de *coping* são parciais e estão em parte relacionadas com a forma dos pais e das pessoas importantes lidarem com o estresse. São nessas fases do desenvolvimento que a escola está mais presente na vida do indivíduo e, muitas vezes, há a necessidade de esses adolescentes escolherem a profissão que seguirão pela vida, por isso, é necessário que ela crie consciência da relevância

desse assunto e promova estratégias que ajudem os educandos a se tornarem adultos resilientes.

Assis (2006) expõe que, embora várias estratégias para lidar com as adversidades tenham sido identificadas, algumas mostram-se recorrentes em vários estudos: ações agressivas, evitação dos problemas, busca de informação, isolamento, inércia, atividades de autocontrole, aceitação das dificuldades, busca de suporte social e ações diretas para transformar o evento estressor são alguns exemplos. Pesce (2004, p. 137) complementa dizendo que o *coping* mostra a importância das diferenças individuais nos níveis social, psicológico e neuroquímico. E ainda que as estratégias utilizadas não são baseadas em um evento único, mas, sim, resultados das experiências já vividas. Dessa forma, entende-se que as vivências acumuladas ao longo do tempo contribuem para a resiliência ou vulnerabilidade psicológica.

Assim, faz-se notável que a escola, por meio de seus conhecimentos, deva auxiliar os professores e os estudantes a desenvolverem capacidades e competências potencializadas por sistemas de resiliência e de *coping*.

Um ponto que deve ser destacado é que um dos papéis da escola e de todos os envolvidos na educação é buscar um desenvolvimento fortalecido e integral. Para que isso se faça possível é necessário mudar a perspectiva das ciências psicológicas. Assim mostra Yunes (2003, p. 75-76), quando diz que é necessário transformar velhas questões em novas possibilidades de compreensão de fenômenos psicológicos positivos, tais como felicidade, otimismo, altruísmo, esperança, alegria, satisfação e outros temas humanos, tão importantes quanto a depressão, a ansiedade, a angústia e a agressividade.

Apesar disso, o conceito de resiliência ainda é bastante ausente nas discussões acadêmicas, refletindo assim na formação dos futuros educadores e acarretando a um grande número de profissionais da área da Educação que desconhecem esse conceito, seu uso formal e o valor que tem sua aplicação dentro da escola e na sua vida.

Dessa maneira, entendemos que ser resiliente não significa ser invulnerável aos problemas, mas sim conseguir criar estratégias de *coping* que ajudem a enfrentar e dar “a volta por cima” nas situações de adversidades com mais facilidade do que uma pessoa pouco resiliente.

É necessário aos profissionais da escola o entendimento sobre este tema, pois a escola é um dos principais lugares de interações e de formação de caráter. Além disso, uma das características do ofício do professor é sua permanência na escola, seu local de trabalho. É comum os professores passarem mais tempo nos seus locais de trabalho do que nas suas residências. Isso influencia nas suas relações consigo mesmo, com o outro e com o ambiente, refletindo na sua prática de educar.

Para finalizar este tópico, destacamos que a resiliência deve ser percebida como uma força indispensável para a saúde mental durante toda a vida. Por isso, ela deve ser pensada de forma longitudinal e reflexiva. Dessa maneira, faz-se necessário analisar a resiliência dos profissionais que atuam na Educação Infantil e como fazem para superar as dificuldades que surgem ao longo da rotina escolar.

2.2 Resiliência na Educação Infantil

Primeiramente, falaremos da importância da resiliência no ambiente escolar, uma vez que, além do contexto familiar, a escola se insere como um local fundamental para a socialização e desenvolvimento dos indivíduos. Fica clara a importância dessa instituição e de se compreender a resiliência como uma competência social, transformando as experiências negativas em processos de aprendizagens, de modo especial, na escola da Educação Infantil.

Poletto (2008) mostra que a escola possui um papel fundamental na socialização infantil. É neste espaço que as crianças passam grande parte do seu tempo; que são trabalhados alguns aspectos importantes para o desenvolvimento saudável, como a regulação da atenção, emoções, aprendizagem e comportamentos; que experienciam inúmeras situações, como as relações entre pares, grupos, amizade, competição, rivalidade, aprendizagem e descoberta do novo, dentre tantas outras. Desta forma, a escola pode promover a autoestima e autoeficácia dos estudantes, capacitando-os em habilidades sociais e influenciando, ainda, os relacionamentos entre os grupos, por meio das normas e regras impostas pela instituição.

É na escola que os sujeitos interagem com as mais diversificadas relações, seja com os professores, seja com os colegas. Desse modo, é necessário capacitar todos os atores educacionais para as mais diversas situações, criando

experiências positivas nesse contexto, para que sejam criadas estratégias de *coping* e hajam situações associadas a uma maior resiliência.

Monteiro (2001) acredita que existem características próprias da profissão dos educadores que devem ser observadas de forma peculiar, uma vez que esses profissionais lidam com a formação de seres humanos e trabalham com os aspectos cognitivos e afetivos, o que exige atitudes diversificadas para atender às diferentes demandas escolares e sociais, como também pessoais.

Pensando dessa forma, acreditamos que os professores também devem ser encorajados e preparados para a resiliência. Ou seja, deverão saber encaixar e superar as dificuldades com as quais irão se defrontar no exercício da sua profissão. Sendo assim, percebemos que é salutar esse debate sobre como os professores enfrentam e superam as dificuldades no cotidiano da Educação Infantil. Poetini (2010, p. 4), por exemplo, percebe a escola como um instrumento de desenvolvimento individual, social e coletivo que colabora para a transformação do ser. Ela afirma que a escola deve “agir como mediadora de conflitos e estimular atitudes inovadoras que venham a contribuir para a saúde de seus profissionais, uma vez que é esse profissional que prepara cidadãos para a sociedade e exerce forte influência sobre seus educandos”. É nesse contexto que a referida autora (2010, p. 12) acredita na urgência em construir e desenvolver a resiliência no ambiente escolar, pois, no mundo moderno, o professor não é apenas um mediador do conhecimento. Ele é, assegura a pesquisadora, na maioria das vezes, um agente socializador, que transmite ao educando e à comunidade escolar valores e comportamentos éticos saudáveis.

Mostrando a importância da resiliência nos educadores, Pereira (2010) fala da influência do trabalho dos professores e de como a relação de sofrimento e de prazer se fazem presentes na docência, principalmente em turmas de educação infantil. Percebe ainda a necessidade em identificar e refletir sobre a dialeticidade entre o prazer e o sofrimento no cotidiano educativo. Achamos necessário também identificar ainda o que pode vir a gerar um prazer ou um sofrimento e como solucioná-los da forma mais saudável possível. Não podemos deixar de levar em conta que o prazer e o sofrimento podem “andar lado a lado” no ambiente de trabalho.

Pereira (2010) mostra isso ao assegurar que

O trabalho docente da forma como tem sido organizado e desenvolvido no cotidiano educativo brasileiro [...] tem ensejado aos professores a vivência, tanto do sofrimento, em função das condições em que o trabalho efetivamente é realizado, quanto do prazer, em função das relações que se estabelecem entre os trabalhadores, com os educandos e com o conhecimento; na forma como se posicionam diante das adversidades, bem como na forma como se organizam individual e coletivamente para o enfrentamento das situações geradoras de estresse (p. 16).

Novamente, Pereira (2010, p. 29) afirma que “os problemas podem ser solucionados, mas, certamente, nem todos deixarão de existir”. Segue ainda esse mesmo autor assegurando: “Mas ninguém propõe que a resiliência seja um processo indolor ou que deixem de existir fantasmas, remanescentes desses traumas” (p. 102). Porque acreditamos que, ao passar por circunstâncias difíceis, o indivíduo, apesar de resiliente e fortalecido, não esquece as dificuldades enfrentadas.

Assim, percebemos a importância dos estudos sobre a resiliência e de como ela pode contribuir para a saúde no ambiente escolar da Educação Infantil. Acreditamos que, por meio dela, podem ser criadas estratégias para lidar com os sofrimentos oriundos das mais diversas situações do cotidiano.

Na educação infantil, os professores recebem crianças que, por muitas vezes, ainda não frequentaram a escola e nunca saíram do convívio familiar. Nesse período, é muito comum as crianças, professoras, e pais se sentirem inseguros. Assim como em todas as relações que estão começando a ser construídas, há dificuldades que precisam ser superadas, e por meio de uma “adaptação resiliente”, os obstáculos podem ser superados.

Diante do exposto, é possível afirmar a importância que tem a resiliência para a formação escolar, social e subjetiva de todos os indivíduos. Principalmente das professoras da Educação Infantil, uma vez que lidam com crianças de tenra idade. Nesta pesquisa, buscando entender como as professoras de uma creche enfrentam as dificuldades características desse nível escolar, refletimos sobre estas questões. Percebemos uma forte vinculação da resiliência com o desenvolvimento e crescimento humano, e pesquisamos como ela acontece com professoras da Educação Infantil, em uma creche pública municipal, da cidade de Fortaleza-Ce.

A seguir, no próximo capítulo, mostraremos a evolução histórica da Educação Infantil no Brasil a partir dos marcos legais, buscando mostrar seus

objetivos e funções, como também destacaremos a importância da formação e a função do professor na Educação Infantil.

3 CAPÍTULO II: A EDUCAÇÃO INFANTIL

3.1 Evolução Histórica da Educação Infantil no Brasil a partir dos Marcos Legais.

Começaremos este capítulo falando sobre a Educação Infantil e sua importância para o desenvolvimento integral da criança. Primeiramente, faremos um breve relato histórico dos marcos legais e mostraremos a construção da identidade dessa etapa de ensino.

Historicamente, a Educação Infantil era responsabilidade das famílias, não havendo nenhuma instituição responsável pela educação das crianças. Ou seja, a Educação Infantil complementar à família é um fato recente (CRAIDY; KAERCHER, 2001). Marcada por diferenciações em relação à classe social, na qual os mais pobres recebiam um serviço assistencial, havendo apenas atividades ligadas ao cuidar. Ao mesmo tempo, as crianças mais abastadas tinham um modelo de educação infantil recheado com práticas escolares e promoções das atividades intelectuais.

É a partir da publicação da Constituição Federal de 1988 que a Educação Infantil passa a ser um direito de todas as crianças. No seu artigo 227, a Constituição discursa que é dever da família, da sociedade e do Estado assegurar o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, além da convivência familiar e comunitária, como também de “colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Entende ainda a criança como um cidadão que possui direitos e deveres, buscando, dessa maneira, um desenvolvimento integral e um atendimento de boa qualidade para todos, superando então a dualidade no atendimento entre ricos e pobres.

Craidy e Kaercher (2001) mostram a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), editado em 1990, como um ponto importante para a expansão da Educação Infantil. Destacam de forma mais detalhada os direitos das crianças e dos adolescentes e buscam efetivá-los, como o direito a creches e pré-escolas.

Em dezembro de 1994, buscando propostas e diretrizes gerais para uma política de Educação Infantil, bem como as ações que o Ministério da Educação deveria coordenar, é lançado o documento Política Nacional de Educação Infantil

(MEC/SEF/COEDI). Nele são indicados vários fatores que contribuíram para o progresso da Educação Infantil, dentre os quais se destacam: o conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, a crescente participação da mulher no trabalho fora de casa, a consciência social sobre a infância e o reconhecimento sobre o direito da criança à educação em seus primeiros anos de vida.

Esse documento mostra ainda nas suas diretrizes gerais a busca pelos direitos das crianças a uma educação de qualidade, citando que “a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica e destina-se à criança de zero a seis anos de idade, não sendo obrigatória, mas um direito a que o Estado tem obrigação de atender” Afirma também que:

A Educação Infantil é oferecida para, em complementação à ação da família, proporcionar condições adequadas de desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social da criança e promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seu interesse pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade (BRASIL, 2014, p. 15).

A Política Nacional de Educação Infantil (MEC/SEF/COEDI), no ponto que trata sobre as diretrizes pedagógicas, exige a implementação de ações sistemáticas, garantindo que todas as relações construídas no interior da creche e da pré-escola sejam educativas.

Um ponto de extrema importância para a Educação Infantil é a regulamentação através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que, no seu artigo 29, destaca a Educação Infantil como a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. A mesma lei, no artigo 30, declara que a educação para crianças pequenas deve ser oferecida em:

I - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. Além disso, no artigo 62, exige que a formação de docentes seja em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, e tendo como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos 5 (cinco) primeiros anos.

Esta Lei mostra como a Educação Infantil começa a criar uma identidade e a ser pensada como uma etapa de desenvolvimento integral da criança e como a primeira etapa da Educação Básica.

Em 1998, foi entregue o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil como forma de auxiliar na realização dos trabalhos desenvolvidos com as crianças de zero a cinco anos determinados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Consta no próprio documento que ele pretende:

apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Visa, também, contribuir para que possa realizar, nas instituições, o objetivo socializador dessa etapa educacional, em ambientes que propiciem o acesso e a ampliação, pelas crianças, dos conhecimentos da realidade social e cultural.

É necessário perceber a importância dessas leis para a Educação Infantil, pois por meio delas esta etapa de ensino passou a ser reconhecida como uma etapa essencial da Educação Básica, o que possibilitou mudanças ao longo dos anos, entre elas: a percepção da criança como um sujeito histórico e social que está inserido em uma cultura e que é modificado e capaz de modificá-la.

É importante salientar ainda que, em 2009, buscando articulação da Educação Infantil com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, é criada a resolução nº 5, de 17 de dezembro, lançada em 2010, nomeada de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Esta lei tem como objetivo principal estabelecer “as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a serem observadas na organização de propostas pedagógicas na Educação Infantil”. As Diretrizes destacam também a importância de observarmos as legislações estaduais e municipais “atinentes ao assunto, bem como as normas do respectivo sistema” (BRASIL, 1998, p. 11).

A Educação Infantil nessas Diretrizes Curriculares (2010), no seu artigo 2.1, é definida como:

primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever

do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção (BRASIL, 2010, p. 12).

É necessário refletir a Educação Infantil como uma etapa de ensino que exige constantes mudanças, pois ao longo dos anos vão aparecendo demandas que não haviam sido pensadas anteriormente e exigindo sempre que a leis acompanhem essas mudanças, fazendo com que a Educação Infantil esteja sempre sendo repensada.

Assim, como mostra o Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS para construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2009), o Ministério da Educação dialogou com “as universidades, secretarias municipais e estaduais de educação e organizações da sociedade civil” (p. 7) e buscou resoluções que atendessem às inúmeras demandas da sociedade.

Segundo consta no próprio documento, o momento é de ampliação das políticas para a educação e de refletir sobre as diferentes infâncias “indígenas, quilombolas, ribeirinhas, urbanas, do campo, da floresta” (BRASIL, 2009b, p. 7) e definir quais serão as bases curriculares nacionais, e constituir pedagogias específicas para essa etapa da educação, como também de “afirmar a importância do trabalho docente ser realizado em creches e pré-escolas por professores com formação específica” (BRASIL, 2009b, p. 8).

Esse documento busca refletir sobre como deve ser realizada e quais as concepções que a educação das crianças em espaços públicos de educação coletiva deve ter. É importante destacar também que nesse documento as interações e as brincadeiras para as experiências cotidianas das crianças ganharam destaque essencial na Educação Infantil, mostrando como os processos de aprendizagem no espaço coletivo são diferentes de uma pedagogia voltada para resultados individuais nas áreas do conhecimento.

O referido documento também apresenta subsídios que permitam aos sistemas de ensino e aos profissionais que estão cotidianamente com as crianças elaborar propostas pedagógicas para os bebês e crianças pequenas.

É significativo citar também o Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que tem vigência por 10 anos. É constituído de 20 metas e 252 estratégias e designa as prioridades e planejamento da educação nacional. Sua primeira meta visa ampliar a oferta em creches que atendam até 50%

(cinquenta por cento) das crianças de até 3 (três) anos até 2024, e universalizar a Educação Infantil para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade até 2016. Sabemos que será um grande desafio para o Brasil cumprir essas metas, pois, infelizmente, a desigualdade ainda é grande. Facilmente encontramos crianças que não estão matriculadas ou esperando vagas no Ensino Público, mostrando o grande desafio de implementar a Educação Infantil para todas as crianças. Ao mesmo tempo, o documento ressalta ainda a importância da Educação Infantil nos processos de aprendizagens das crianças.

Contudo, vemos como a legislação que trata da Educação Infantil tem evoluído, é necessário salientar também a importância de entendermos os processos a que esse nível de ensino foi submetido até chegar aos dias atuais, para isso discutiremos no próximo item as funções e objetivos da Educação Infantil.

3.2 Objetivos e Funções da Educação Infantil

Nesta subseção, discutiremos a importância da Educação Infantil, bem como suas funções e objetivos. Para iniciarmos essa discussão, partiremos de uma concepção de Educação Infantil que compreende a criança como sujeito ativo e com direitos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (2010) para a Educação Infantil definem a criança como sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade subjetiva e coletiva nas práticas cotidianas, nas interações e relações com o outro, como também “brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2010, p. 12). Sendo assim, é nessa perspectiva que todas as instituições que atendem educacionalmente as crianças de 0 a 5 anos devem atuar. Porém, infelizmente, ainda é bastante comum nos depararmos com práticas pedagógicas que vão de encontro a essa concepção, nas quais as crianças não são ouvidas e não podem ser efetivamente ativas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (2010) evidenciam que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem respeitar 3 (três) princípios, quais sejam:

- Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

- Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.
- Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2010, p. 16).

É necessário destacar que essa proposta deve cumprir plenamente suas funções sociopolíticas e pedagógicas, sendo necessário que as crianças usufruam de todos “seus direitos civis, humanos e sociais” (BRASIL, 2010, p. 17).

As Diretrizes (BRASIL, 2010, p. 18) enfatizam que os objetivos da Proposta Pedagógica das instituições de Educação Infantil devem garantir à criança “acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens”. Além disso, também é ressaltado o direito de ser protegido, ter acesso à saúde, e também ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. Destacando ainda que estão inclusas as crianças que precisam de um atendimento educacional especial.

“Hoje, a Educação Infantil deve ser entendida e praticada como espaço de escuta, interação, cuidado e educação de cidadãos desde o nascimento”, afirma as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (BRASIL, 2011, p. 13). É nessa etapa que a criança deve brincar, comunicar e socializar com os outros e ter contato com as mais diversificadas culturas.

Como podemos perceber, é nessa fase da vida que a criança mais se desenvolve e aprende. É em tal momento que ela começa a perceber o mundo em que está inserida, começa a andar, a falar, a socializar, como mostra nas Orientações Curriculares “a ter controle esfinteriano, a representar o mundo através da imitação, da fala, do jogo simbólico e de outras linguagens” (BRASIL, 2011, p. 13). É necessário entender então que diante de tantas aprendizagens proporcionadas às crianças, o cuidar e o educar precisam estar integrados no cotidiano infantil.

As Orientações Curriculares (2011) também falam que, entre outras coisas, o Educar e Cuidar nessa faixa de idade é:

- atender suas necessidades oferecendo-lhes condições, de se sentir confortável, em relação a sono, fome, sede, higiene, dor etc.;
- acolher seus afetos e alimentar sua curiosidade e expressividade;
- dar-lhes condições para explorar o ambiente e construir sentidos pessoais, sobre o mundo e sobre si, apropriando-se de formas de agir, sentir e pensar existentes em sua cultura (BRASIL, 2011, p. 14).

Lamentavelmente, ainda é comum ver a separação entre o cuidar e o educar. Em muitas instituições de Educação Infantil, o principal objetivo é apenas cuidar das crianças enquanto suas mães vão trabalhar, como se fosse um favor, e não um direito instituído por lei. É, então, necessário refletir sobre isso e fazer com que aos poucos essa realidade mude. Para isso é necessário se pensar a formação para todos os atores educacionais envolvidos na Educação Infantil.

Outro fator de extrema importância para o avanço infantil é o desenvolvimento afetivo das crianças. Para tal, é necessário o envolvimento da escola com as famílias, que devem estar presentes. Amorim e Navarro (2012, p. 1) refletem sobre essa questão ao dizer que “a afetividade é necessária para a formação de pessoas felizes, seguras e capazes de conviver com o mundo que as cerca”, sendo uma importante parceria nos objetivos pedagógicos, criando então vínculos essenciais para Educação Infantil. Falam ainda que a afetividade se estabelece como um “domínio funcional”, essencial à socialização e vida emocional, permitindo “ao ser humano demonstrar os seus sentimentos e emoções a outro ser, sendo um laço criado entre os seres humanos para representar a amizade mais aprofundada” (AMORIM; NAVARRI, p. 2).

Como podemos perceber, a afetividade deve permear a Educação Infantil de tal forma que a criança consiga se relacionar de forma satisfatória com os pares, ligando o ensino à vida afetiva, integrando as funções do educar com a formação da subjetividade das crianças.

Oliveira (2010), baseada nas DCNEIs¹, cita os objetivos gerais e a função sociopolítica e pedagógica das instituições de educação infantil como sendo:

1. Ofertar “condições e recursos” para que as crianças aproveitem seus “direitos civis, humanos e sociais”;
2. A educação das crianças ser compartilhada com as famílias;
3. Oportunizar a convivência das crianças com outras crianças e com outros adultos que não são do círculo familiar, ampliando “saberes e conhecimentos de diferentes naturezas”;
4. Assegurar “a igualdade de oportunidades educacionais entre adultos e crianças” para todas as classes sociais;
5. Usar a ludicidade e a democracia como novas formas de sociabilidade e de subjetividade, quebrando com o viés da “dominação etária, socioeconômica, étnico racial, de gênero, regional, linguística e religiosa (p. 3).

¹ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010).

Entendemos esse momento como bastante importante para a infância brasileira, porque, como diz Oliveira (2010, p. 3), é “uma visão inovadora e instigante do processo educacional” (...) levando a família para uma parceria com a escola e contemplando a criança como “sujeito de direitos a serem garantidos”. Salienta ainda que “o foco do trabalho institucional vai em direção à ampliação de conhecimentos e saberes de modo a promover igualdade de oportunidades educacionais às crianças de diferentes classes sociais”, promovendo assim a luta contra qualquer forma de exclusão.

Estas reflexões nos fazem pensar como a Educação Infantil é importante para a realidade do Brasil, um país marcado por desigualdades sociais e econômicas, com demandas urgentes de propostas que se concretizem em ações que mediem essa grande desigualdade.

Há um equívoco bastante recorrente no senso comum, o de que, ao chegar à instituição de educação infantil, as crianças são folhas brancas e não conhecem nada do mundo. Silva e Guimarães (2011) vão de encontro a isso, falando sobre o processo de aprendizagem das crianças e afirmando que ele já tem início no seio da família. Salientam as autoras, então, que ao chegar à escola as crianças já têm internalizado muitos conhecimentos e valores. Desse modo, as instituições de educação infantil criam oportunidade de aprendizagens para todas as crianças, uma vez que por meio das interações elas vão aprendendo e se desenvolvendo.

Para que todos os objetivos da Educação Infantil sejam alcançados é necessário refletir também sobre o papel do professor na construção da subjetividade e no andamento das aprendizagens infantis. Para isso, falaremos a seguir sobre o papel do professor na Educação Infantil.

3.3 A Importância da Formação e a Função do Professor na Educação Infantil

Destacaremos, nesta subseção, a importância do professor na Educação Infantil, bem como suas funções e necessidade de formação para desenvolver um trabalho de qualidade com as crianças.

Atualmente, uma das exigências para os professores da Educação Infantil é ter, pelo menos, graduação em pedagogia. O que nos mostra o Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS (2009) ao citar que ser professor da Educação

Infantil “exige formação, pois não é apenas uma tarefa de guarda ou proteção, mas uma responsabilidade educacional na qual são necessárias proposições teóricas claras, planejamento e registros” (p. 35).

É necessário ter em mente que a concepção que os professores têm sobre a infância influencia o trabalho com elas. Micarello (2006, p. 35) destaca um ponto importante sobre o magistério na Educação Infantil:

Um primeiro ponto a considerar é que a docência na educação infantil se constrói tendo como referência uma concepção de infância e de educação infantil. Portanto, para compreender o contexto mais imediato em que se dá a prática dos professores que trabalham com a criança pequena, é necessário retomar aspectos relativos ao modo como diferentes formas de perceber a criança têm informado as práticas de educação que a ela se dirigem.

Seguindo o mesmo pensamento, as Orientações Curriculares para a Educação Infantil (2009) cita que “Todo professor planeja seu trabalho educacional a partir de uma visão de criança e de seu processo de aprendizagem e desenvolvimento” (BRASIL, 2009b, p. 17). De tal modo, precisamos ter em mente que a criança é um ser ativo e capaz de vivenciar experiências que vão lhe servir para toda a vida. Com isso, é importante desenvolver uma escola que faça a criança ser uma pessoa que tem voz e capacidade para fazer suas escolhas. É essencial que os professores respeitem a individualidade de cada uma das crianças e permitam que elas se expressem como desejam, seja pintando, seja desenhando, seja falando.

Lamentavelmente, ainda existem professores com uma visão mais tradicional de Educação Infantil, e não permitem que as crianças exerçam seu direito de protagonistas das aprendizagens. Dessa forma, colocam tarefas prontas e, muitas vezes, as crianças não podem expressar seus sentimentos, mostrando assim a importância da formação para os docentes entenderem a função da Educação Infantil, que segundo o Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS (BRASIL, 2009b, p. 12) é a de sair do seu universo pessoal e entender o mundo a partir do outro, que implica um aprendizado satisfatório da cultura através do convívio social “possibilitando à criança internalizar as formas cognitivas de pensar, agir e operar que sua comunidade construiu ao longo da história”. Desse modo, as crianças aprendem as práticas sociais desenvolvidas ao longo do tempo, tais como as “histórias coletivas que, ao serem ouvidas, se encontram com as histórias pessoais,

alargando os horizontes cognitivos e emocionais através do diálogo, das conversas, da participação e da vida democrática” (BRASIL, 2009b, p. 12).

Percebemos como é importante que os professores de educação infantil tenham uma formação que lhes possibilite um olhar crítico sobre a realidade social e que compreenda a criança como um sujeito social, com direitos civis e políticos. Essa perspectiva de criança vai totalmente de encontro ao uso de tarefas prontas nas salas de educação infantil, uma vez que elas não as ajudam a refletir ou vivenciar novas experiências.

Outro ponto que merece destaque é a identidade dos professores da Educação Infantil, o que nos leva a refletir acerca das percepções sociais que são impostas no dia a dia dos professores da Educação Infantil e que estão em constante mudança. O Projeto de Cooperação Técnica MEC e UFRGS (BRASIL, 2009b, p. 36) cita que os professores estão passando por uma construção de identidade profissional, apontando a necessidade de formação e reflexão sobre as suas práticas pedagógicas. Complementando esse pensamento, Micarello (2006, *apud* CERISARA, 2002) acentua que a identidade das professoras que atuam em creches e pré-escolas tem se constituído no trabalho doméstico e na maternagem, havendo, “uma contaminação das práticas femininas domésticas na prática profissional das mulheres que trabalham em instituições de educação infantil” (MICARELLO, 2006 *apud* CERISARA, 2002, p. 37). Tal confusão repercute em conflitos com relação aos seus papéis profissionais.

Ainda é bastante comum no dia a dia das escolas, depararmos-nos com conflitos em relação às atribuições dos professores da Educação Infantil, tanto por parte dos profissionais, como por parte das famílias que chegam a achar que “a professora que não é mãe não deveria estar nessa profissão”².

Prado (2011) faz uma reflexão sobre a identidade profissional do profissional de educação infantil afirmando que “a identidade do professor de educação infantil é permeada por reflexões sobre o ambiente e a prática, sendo que a observação do professor é fundamental nesse contexto, quando permite que as crianças sejam preservadas no seu direito ao exercício da infância” (p. 81). Além disso, sabendo que é dever do professor permitir e facilitar que a criança vivencie

² Afirmação feita por uma mãe de uma criança na escola em que atuo profissionalmente.

novas experiências, é fundamental que ele busque fazê-la refletir sobre o contexto social que a rodeia, permitindo assim que a infância seja explorada.

É preciso ressaltar também a importância da saúde física e mental do professor que lida todos os dias com as crianças pequenas. É necessário pensar sobre as condições de trabalho que são oferecidas, pois é comum ter apenas um professor com 20 crianças nas salas de aprendizagens, tendo que oferecer conforto, segurança, cuidados e possibilitar aprendizagens significativas a todas as crianças. Lembramos ainda que o professor também é um ser integral, que tem seus conflitos e também precisa de cuidados, visto que, como uma pessoa normal, não consegue esquecer completamente seus problemas.

Micarello (2006) acredita que o saber acolher os educandos, próprio dos docentes, se liga “à história pessoal e profissional do sujeito professor” (p. 162). Outros fatores também influenciam na dinâmica profissional dos professores da Educação Infantil: pressões de colegas de trabalho, relacionamentos interpessoais, ambientes insalubres. É comum, também, encontrarmos professores que não entendem claramente os objetivos dessa etapa de ensino e cobram coisas que vão além, como a alfabetização.

Desse modo, consideramos urgente refletir sobre a necessidade de escutar os sentimentos desses professores, uma vez que sua expressão pode ajudar a sanar os anseios e conflitos que vão aparecendo na rotina profissional, sendo uma forma de desenvolver a resiliência e manter a saúde mental. É necessário ainda pensar como é possível ajudar a desenvolver a resiliência das professoras dentro do ambiente escolar, pois infelizmente esse assunto ainda está engatinhando nas universidades e nem todos sabem da sua importância. No entanto, após refletirmos sobre a Educação Infantil, sua importância para a criança, e sobre o papel de mediador do professor, assim como sua formação, fica clara a necessidade de pensarmos sobre o professor, olhando com maior cuidado para seus conflitos, dores, dificuldades e, principalmente, como estes profissionais lidam com estes sentimentos, visando desenvolver internamente a resiliência.

Para pensarmos sobre a resiliência das professoras no ambiente profissional, falaremos no próximo capítulo como procedemos nossa pesquisa sobre este tema, com três professoras de uma escola pública em Fortaleza.

4 CAPÍTULO III: METODOLOGIA

Esta pesquisa se constituiu com objetivo de saber como as professoras da Educação Infantil lidam com os sofrimentos oriundos do contexto profissional.

Foi organizada como uma pesquisa de campo, com formato qualitativo. De acordo com Minayo (2012, p. 21) esse método trabalha “com o universo dos significados, dos motivos, dos valores e das atitudes” que são entendidos “como parte da realidade social”, uma vez que o ser humano é capaz de pensar suas ações a partir de sua realidade. Essa metodologia de pesquisa foi escolhida tendo em vista as respostas de questões específicas. Nesse caso, uma investigação acerca da resiliência dos professores da Educação Infantil.

Minayo (2012) entende pesquisa como “atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (p. 16). Considera que esta atividade alimenta o ensino e o atualiza frente à realidade do mundo. Desse modo, pesquisar, refletir e pensar, é uma necessidade para alimentar a prática. No caso desta pesquisa, pensamos que refletir sobre a questão da resiliência na prática das professoras de educação infantil, escutando das educadoras como elas pensam e lidam com seus sofrimentos, pode ajudar na prática pedagógica.

Buscando essa interação, e a reflexão da teoria com a pesquisa, é que optamos por utilizar como instrumento da pesquisa o método da entrevista que Lakatos e Marconi (2003, p. 195) cita como sendo “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

A entrevista é um procedimento utilizado para a coleta de dados no momento em que é feita uma investigação social que tem como objetivo “ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (LAKATOS, 2003, p. 195). Utilizamos mais especificamente a entrevista focalizada, definida como uma entrevista em que:

há um roteiro de tópicos relativos ao problema que se vai estudar e o entrevistador tem liberdade de fazer as perguntas que quiser: Sonda razões e motivos, dá esclarecimentos, não obedecendo, a rigor, a uma estrutura formal. Para isso, são necessários habilidade e perspicácia por parte do entrevistador (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 197)

Assim sendo, a escolha deste instrumento surgiu do interesse em escutar as falas das participantes e entender melhor como os processos de resiliência são desenvolvidos por meio das respostas.

Realizamos o trabalho de campo em um Centro de Educação Infantil (CEI), creche pública do município de Fortaleza, no estado do Ceará. A instituição está vinculada à Secretaria Municipal de Educação (SME), mais especificamente ao Distrito de Educação da Secretaria Executiva Regional VI (SER VI). Atende nos turnos manhã e tarde, crianças de 3 a 5 anos. Escolhemos esta escola pelo fácil acesso e pela possibilidade de saber que os sujeitos necessários para o desenvolvimento desta pesquisa estariam dispostos a responder às questões. Sabíamos disso porque a coordenadora pedagógica da escola já havia conversando com as professoras e todas se prontificaram a ajudar na pesquisa.

Esta escola, no ano de 2014, atendeu a 167 estudantes. Essas crianças foram distribuídas em nove turmas: uma turma de Infantil II com dezessete crianças, sendo uma com síndrome de Down, com faixa etária de dois anos; quatro turmas de Infantil III, duas no período da manhã e duas no período da tarde; e quatro turmas de Infantil IV, sendo duas no período da manhã e duas no período da tarde. Todas as crianças que não são da sala do Infantil II encontram-se estudando em período não integral.

O ambiente escolar é satisfatório, com salas de aulas espaçosas e iluminadas. Existem duas áreas externas que, apesar de pequenas, propiciam às crianças a possibilidade de estarem ao ar livre, em contato com a natureza e em atividade de psicomotricidade, tendo um espaço para brincadeira e exploração do ambiente.

O trabalho de campo, que segundo Minayo (2012) é uma fase central para o conhecimento da realidade, foi consolidado seguindo dois momentos: o primeiro foi o contato com as professoras, que se deu por meio da coordenadora, o qual conversou e explicou o teor da pesquisa, os objetivos e a participação das professoras. As professoras se mostraram bastante solícitas em participar. Já o segundo momento se configurou como uma conversa com três professoras, individualmente, seguindo três questões básicas:

- Quais os fatores dificultam sua rotina profissional?;
- Quando aparecem dificuldades, como vocês lidam com isso? A que ou a quem recorrem?

- Quais os fatores que facilitam a rotina profissional?

A entrevista aconteceu em apenas um dia, no mês de novembro, ano de 2014, feita de forma bem tranquila na creche em que as professoras trabalham. Iniciou-se com uma conversa informal, deixando claro para as sujeitas envolvidas que estávamos ali para escutá-las e, de maneira nenhuma, criticá-las.

Ao longo da entrevista as professoras respondiam às perguntas descritas anteriormente, mas com total liberdade de acrescentar detalhes que achavam importantes. Pedimos permissão para gravarmos o áudio da conversa, como forma de auxiliar no momento da transcrição das falas, e nenhuma delas se opôs, o que ajudou a retornarmos as falas sempre que necessário.

Para gravarmos o áudio da conversa utilizamos um gravador digital. Seu uso foi de extrema importância para o desenvolvimento das análises, pois segundo Júnior (2011, p. 246) o registro das respostas é um ponto crucial na aplicação da entrevista, possibilitando “o sucesso ou fracasso da coleta de dados”. Júnior (2011, p. 247) cita ainda que “o único modo de reproduzir com precisão as respostas é registrá-las durante a entrevista, mediante anotações ou com o uso de gravador”. Posteriormente, no momento da transcrição das falas, retornamos as gravações de áudio, buscando entender os dados apurados, e com isso fazer relações no processo de análise.

Utilizamos também um diário de campo, no qual foi possível anotar observações que iam além da entrevista. Segundo Minayo (1993, p. 100) no diário “constam todas as informações que não sejam o registro das entrevistas formais”. Ou seja, é nele que temos a total liberdade para anotar detalhes que vão além do roteiro da entrevista.

Percebemos a importância da realização de um trabalho de campo por ser de extrema relevância a escuta dos sujeitos e suas experiências. As vivências relacionadas com a teoria nos trazem significados e nos ajudam a entender melhor os processos de significação dos sujeitos entrevistados. Precisamos refletir os relatos individuais para buscarmos relacionar a teoria com a prática. Dessa forma, como fonte principal deste estudo, serão analisadas as respostas das professoras a partir da transcrição de suas falas, e assim tentaremos identificar os elementos que nos mostrem as respostas do problema pesquisado.

As análises serão feitas a partir dos relatos das professoras destacando os pontos referentes aos sofrimentos procedentes do contexto profissional e como

elas fazem para superá-los. Iremos discutir suas falas embasadas nas teorias que abordam a resiliência.

Júnior (2011, p. 247) diz que posterior à transcrição da entrevista se faz necessária a análise. De tal modo, partindo desse pressuposto faremos as análises a partir dos relatos das professoras, destacando os pontos referentes aos sofrimentos procedentes do contexto profissional e como elas fazem para superá-los. Destacaremos ainda os principais pontos de suas falas e como eles se interligam entre si. Ainda nas palavras de Júnior (2011, p. 248) “O objetivo amplo da análise é procurar sentido e compreensão nos dados coletados”. Para ele “a análise deve ir além da aceitação do valor aparente, deve procurar por temas com conteúdo comum e pelas funções destes temas”. Assim, buscaremos discutir os resultados encontrados embasados nas teorias que abordam a resiliência e como ela pode ajudar no desenvolvimento de um trabalho positivo, tanto para a criança como para o professor. Júnior (2011, p. 248) cita ainda que “O papel do entrevistador em todo o processo de análise e avaliação é crucial. As informações que são retiradas das falas dos entrevistados possuem subjetividade”. Buscando essa avaliação crucial é que mostraremos a seguir os resultados encontrados.

5 CAPÍTULO IV: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, analisaremos as falas de três professoras da Educação Infantil a respeito de suas dificuldades profissionais e como elas fazem para superá-las no cotidiano profissional, por meio de uma entrevista na qual relataram situações vividas no cotidiano da Licenciatura Infantil.

Vale ressaltar que o foco principal consiste em identificar os fatores que mais afetam negativa e positivamente a rotina do magistério e de como conseguem superá-las, contribuindo para desenvolver a resiliência, a qual ajuda a fortalecer recursos internos tanto na vida profissional como na vida social.

Como já explicitado anteriormente, os três sujeitos investigados são do sexo feminino e atuam na Educação Infantil, cujos nomes são: Daniele, Ana e Maria³.

Daniele é professora do Infantil III, tem trinta e quatro (34) anos, formou-se pela Universidade Federal do Ceará (UFC) no ano de 2004, é professora efetiva no município desde 2010 (ano que iniciou sua atuação no magistério), e está na creche desde então.

Ana é professora do Infantil IV, tem quarenta e sete (47) anos, é professora substituta, com vínculo temporário, formou-se pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) no ano de 2001 e atua no magistério há doze anos. Faz parte do grupo de professores da creche há seis meses.

Maria é professora do Infantil III, tem cinquenta e seis (56) anos, formou-se pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) no ano de 2001 e tem Especialização em Psicomotricidade. É professora efetiva no município desde 2005 (ano que iniciou sua atuação no magistério também), está na creche desde então.

Percebe-se então que Daniele e Maria começaram a fazer parte do grupo docente do município de Fortaleza no mesmo ano e entraram juntas para trabalharem na creche.

As três professoras trabalham no período da manhã e da tarde, ou seja, passam a maior do seu dia na creche, inclusive no horário do almoço.

Percebemos, durante a entrevista, que o clima da escola é bastante tranquilo, sem brigas ou “picuinhas”. Transpareceu que as professoras são unidas,

³ Como forma de garantir sigilo das participantes, os nomes usados são fictícios.

acreditamos que seja pelo fato de quase todas (menos a que tem o vínculo temporário) terem começado a docência no setor público no mesmo ano, com isso formaram uma conexão muito forte. Isso perpassa também para a gestão da coordenação.

A atual coordenadora entrou na creche junto com as professoras, Daniele e Maria, e ficou como professora até maio de 2014. Ao assumir a coordenação, continuou fortalecendo os laços de amizades com as professoras. Acreditamos que essa união é um dos fatores que revigora o desenvolvimento do trabalho diário.

Para saber como as professoras passam pelas dificuldades do cotidiano profissional e fortalecem a sua resiliência, apresentamos a pesquisa, falando do interesse em ouvi-las, e conhecermos suas rotinas como mediadoras da aprendizagem de crianças pequenas e, de maneira nenhuma, criticá-las.

Micarello (2006, p. 31) confirma que os profissionais da Educação Infantil têm encontrado poucos espaços para falar “sobre os saberes que constroem no enfrentamento cotidiano dos desafios que a docência na Educação Infantil lhes impõe”. Pensando em oportunizar essa fala, buscamos elaborar este trabalho, para que ele seja um possibilitador de escuta dos Educadores.

A conversa foi individual. Iniciamos perguntando quais as dificuldades elas encontram na rotina profissional.

As professoras Daniele e Ana foram as primeiras a responderem à pergunta, como se observa nos trechos de fala reproduzidos a seguir⁴:

A questão mesmo comportamental dos alunos, que eles são muitos agitados, aí às vezes você prevê uma coisa naquele tempo E acaba tendo que esticar por conta desses fatores e que eles são pouco agitados Mas nada que a gente não dê pra contornar, só que tem atividades que você prevê o tempo e não dá pra acontecer naquele tempo e acaba fugindo um pouco da rotina. E também, às vezes, a gente planeja uma coisa e de repente através da conversa, da roda de conversa, surge outro tema e você muda a rua rotina por conta daquele aluno. Já aconteceu... (DANIELE).

Ah, só tenho dificuldades quando alguma criança realmente está ali, como é que se diz, tá dificultando participar. Por que eu tenho que ir lá convencer, conversar com eles pra saber o porquê, questionar ele até conseguir ele a participar, de todo momento que vai acontecer ali, pela manhã ou a tarde (ANA).

⁴ A partir deste ponto as informações verbais recolhidas nas entrevistas serão identificadas com o nome, em maiúscula e entre parêntese, das entrevistadas.

Durante a conversa, a professora Ana falou que sentiu bastantes dificuldades também com o plano, pois é bem diferente da rede particular, e essa escola é a primeira experiência que ela tem no setor público. Afirma:

O fato de ter que usar as orientações e colocar os artigos, a realidade com a criança também é bem diferente... no início eu tive bastantes dificuldades, mas eu tive o apoio das meninas. Tô tendo as formações, e nas formações eles estão trabalhando essa parte com a ajuda de todos. Quanto à conduta, eu tiro com a outra professora do Infantil IV, então a gente tem essa ajuda, essa união com as meninas, até naquela ficha de acompanhamento é diferente.

Com essas falas, podemos ver que as duas professoras citam o comportamento das crianças como uma grande dificuldade. Percebe-se então uma ambiguidade entre as falas, pois, ao mesmo tempo em que elas dizem que valorizam o pensamento da criança, elas se desequilibram quando os pequenos não aceitam participar das atividades.

Já a professora Maria iniciou a entrevista falando do seu trabalho na Educação Infantil: “Eu gosto, parece um trabalho muito orgânico, que você constrói e desconstrói todo dia, que você vê o resultado do que você faz muito na hora, tanto pro bem quanto pro não bem, você vê aquilo acontecer e é vivo, é real, pulsante”.

Verificamos que a professora Maria busca sempre refletir sobre a sua prática e inicia se referindo ao trabalho na Educação Infantil, percebendo a importância desse período escolar para as crianças. Ao ser questionada sobre as dificuldades que aparecem na rotina profissional, Maria cita dois aspectos representativos de maior dificuldade: um de ordem intelectual e outro de ordem física.

Eu acho que a principal dificuldade é você desconstruir a concepção de criança que você tem, a concepção de aprendizagem, por que quando eu vim pra cá eu vim com uma concepção de criança da mãe, uma percepção de aprendizagem de mãe. O grande desafio é esse, e eu percebo que essa desconstrução nunca vai concluir, nunca vai acabar. Eu tenho que desconstruir todo santo dia, todo dia tem uma nova descoberta. Por isso que eu chamo de orgânico, eu tenho que descobrir todo dia uma nova necessidade. Essa é a grande dificuldade. No intelectual.

Diante dessa fala, verificamos que diferente de Daniele e Ana, Maria não cita a rotina em si com as crianças, mas a necessidade de refletir sobre a infância e a necessidade de ter uma concepção de criança diferente da que tinha antes. O que

é totalmente de acordo com o que pensamos, que cada professora planeja sua rotina com a concepção que ela tem de criança.

Silva (2011, p. 3) confirma nosso pensamento ao dizer que

a concepção de infância se constrói e reconstrói na prática social e está relacionada às formas de olhar a criança que, por sua vez, trazem implicações diretas no papel do educador infantil, acreditando que os educadores devam ter uma formação específica, que fundamente um novo fazer educacional.

Sendo assim, nesse novo fazer educacional, é necessário compreender a resiliência como uma competência social, transformando as experiências negativas em processos de aprendizagens.

Maria fala ainda das dificuldades físicas:

No físico, no dia a dia, as dificuldades são as dificuldades da própria escola, que você tem uma escola com um número muito pequeno de recursos para um número muito grande de alunos, você tem uma sala que é pequena, eu sei que tem salas menores do que a minha, mas não quer dizer que a minha seja o ideal. Depois que você coloca as cadeiras, as estantes, você bota os colchões, você vai vendo as dificuldades físicas, elas são muito reais.

Quando eu tava “full time” e tinha que banhar as crianças, o banho para mim era a pior hora do dia, porque você não tem um banheiro adequado para banhar vinte crianças, que não respeita a individualidade da criança, que vai de encontro a tudo que você preconiza, a tudo que você aprende como teoria e que você começa realmente a praticar, a criança como protagonista, eu sempre escuto, né? Mas como é protagonista num banheiro com uma condição triste daquela? Que dá certo, dá, mas acaba que o professor tem que ter um duplo esforço. Tem que fazer mais força do que normalmente deveria fazer. Acho que essas condições físicas são terríveis

E a outra grande dificuldade, é esse realmente assim..., esse desencontro entre o que é preconizado como norteador. Por que assim, a prefeitura municipal de Fortaleza tem o artigo 9º, as orientações curriculares, que vai lá dizer como tem que ser teu dia a dia. Aí você vê as contradições na própria administração. Então assim... o lugar que é pra ter como protagonista a própria criança, você “não agora não vai ficar mais um período inteiro, vai ficar só meio período”, quer dizer, que protagonismo é esse? essa contradição é um grande dificultador da sua prática, eu tenho assim esses três como os mais difíceis.

É interessante observar que ao separar as dificuldades em duas fases, intelectuais e físicas, a professora Maria dialoga com os pensamentos de Pereira (2010, p. 47), que acredita que o trabalho docente inclui, “o trabalho físico que é corporal e o trabalho intelectual, que é mental”. É preciso refletir sobre questões que surgem diariamente e exige o recomeço do processo educativo, que é dialético e se

constrói “socialmente a partir da interação entre sujeitos, seja em uma relação professor e aluno, seja entre os pares, etc.”

É possível usar novamente as palavras de Pereira (2010, p. 16), para refletir sobre a fala das três professoras, pois a autora fala que o trabalho docente, como se organiza e se desenvolve, tem dado possibilidades para o professor ter experiências,

tanto do sofrimento, em função das condições em que o trabalho efetivamente é realizado, quanto do prazer, em função das relações que se estabelecem entre os trabalhadores, com os educandos e com o conhecimento; e como esses docentes se dispõem em frente de adversidades, bem como na forma como se organizam individual e coletivamente para o enfrentamento das situações geradoras de estresse.

Acreditamos que refletindo sobre essas adversidades, Maria mostra a realidade da sua sala, mas fala sobre as contradições que aparecem no cotidiano profissional e do seu sofrimento em lidar com elas.

Ao perguntamos como se sente, quando as dificuldades aparecem na rotina com as crianças, nossas colaboradoras responderam:

Eu acho válido, quando é o fator que ocorre por conta de um aluno, de uma situação, de um evento que esteja ocorrendo, acho válido. Agora, quando é questão comportamental, eu fico meio que me culpando. “Ah, por que eu não consegui?” Mas talvez a atividade que estivesse propondo não tivesse interesse, por isso o comportamento deles. Além de outros fatores (DANIELE).

Já a professora Ana, como já posto anteriormente, foi logo respondendo que tentava conversar com as crianças. Ela afirmou: “Porque eu tenho que ir lá convencer, conversar com eles pra saber o porquê, questionar ele até conseguir ele a participar, de todo momento que vai acontecer ali, pela manhã ou a tarde.”

Maria pensa um pouco diferente:

Olha, é matar um leão, um jacaré, um elefante todos os dias, porque você tem... é muito cansativo, é muito desgastante, tem horas que você acaba se apegando muito... você é humana, você não é um robzinho que liga e desliga, né? Você é humana e aquilo acaba assim “caramba! Puxa vida! Aí você esmorece de certas coisas”, mas o quê que faz você renovar. né? De novo, eu volto pro orgânico, é quando você vê o resultado do que você faz, no real, no concreto, quando não é mais teórico, quando você vê uma criança avançando e você sabe que você tá ali com ela, que você faz parte daquele processo, porque hoje eu sei, eu costumo dizer, tem o outubro negro, né? Eu costumo dizer que tem o outubro colorido, porque em outubro

as crianças se expandem, muitas coisas acontecem em outubro, é um momento mágico dos três anos, você começa a perceber com mais intensidade quando eles estão aqui, isso quando você vê isso... quando eu vejo isso que aquela criança avançou de uma coisa para outra, que ela conseguiu superar ou uma limitação cognitiva ou uma limitação socioafetiva, ou uma limitação... ah, essas duas limitações... quando você vê uma criança passar disso aí vale a pena, aí você “puxa vida! Aí valeu a pena tudo que eu passei (...)... mas isso não é tarefa fácil, a resiliência é uma competência que a gente não aprendeu a ter, eu acho que a gente é... o ser humano é o tipo de pessoa que fica “ah meu deus! Ah meu deus! Por que não tem isso, por que não tem aquilo?” parece que a gente é treinado desde pequeno a reclamar, “muro das lamentações, né?” então é difícil, é uma desconstrução muito difícil, mas se tem uma coisa que me dá conforto é quando eu percebo essas coisas, eu percebo uma criança se desenvolvendo e eu sabendo que eu tô lá.

Nesse caso, é na escola que os sujeitos interagem com as mais diversificadas relações, seja com as crianças, seja com os colegas de trabalho. Assim, é preciso ser capaz de passar pelas mais diversas situações, e criar experiências positivas de apoio nesse contexto, para que sejam então criadas estratégias de *coping* e haja situações associadas a uma maior resiliência.

Citando Sousa (2009, p. 15):

Efetivamente, se o fim da educação deve ser o desenvolvimento humano, vamos ter de pugnar por uma sociedade e por uma escola cujo grande objetivo será o de formar profissionais competentes, não no sentido em que serão apenas aptos para esta ou aquela tarefa, mas aptos em termos gerais, isto é, capazes de lidar eficazmente com toda a realidade circundante, por mais difícil que esta se apresente, assumindo nesta acepção um papel bem significativo a educação para a resiliência.

Continuando com a fala de Maria:

Outra forma é realmente você se perguntar no dia a dia, eu acho que eu evolui de muitas coisas de quando eu comecei pra hoje me perguntando. Eu devo muito à minha coordenadora anterior, não que eu não deva às novas coordenadoras, mas a minha primeira coordenadora foi fundamental nesse processo de me perguntar todo dia e eu dizer para mim mesma “não, não quero isso pra mim”, e isso também me ajudou muito a superar algumas dificuldades pessoais minhas, essa coisa do adultocêntrico, eu era muito adultocêntrica, demais... demais, e isso me fazia sofrer muito, porque como eu disse você acaba gastando muita energia e você fica sem espaço, sem fôlego e tem uma hora que você chega num lugar que você pensa, perai e começa a se perguntar, não é isso que eu quero pra mim, aí entra outra coisa na minha vida muito importante que eu acho que é crucial para a pessoa que eu sou hoje, que foi a divisão de águas, foi a pós-graduação em psicomotricidade relacional. Isso faz você repensar muito de você em muitas situações, esse exercício de repensar e de se reenxergar e enxergar o outro e dar de volta o que ele tá pedindo, é um exercício que você faz quase dois anos direto, né? Isso acaba indo para sua prática...

Arroyo discute sobre a importância do professor ter autoconhecimento, dizendo que a partir do trabalho “somos levados a repensar-nos em nossas identidades profissionais” (2013, p. 23). E mostra também que as tensões identitárias que os professores vivenciam nas salas “mostram que as conquistas do movimento docente por reconfigurar a profissão não escapam ao princípio da ação-reação” (p. 27). Outro ponto importantíssimo destacado por ele é “que em todo processo de ensinar-aprender entramos mestres e alunos com nossa condição humana, com nossas culturas, valores, medos, traumas, vivências, esperanças, emoções” (p. 28). Assim, com essas vivências é que vamos nos reconfigurando e aprendendo a lidar com as emoções vividas todos os dias no exercício da profissão. Maria ao falar que tenta pensar no outro a partir de si demonstra haver tido uma grande aprendizagem e um facilitador da resiliência, como atesta uma de suas falas:

Mas dizer que sou uma pessoa que consegue superar com clareza, com facilidade as minhas dificuldades não, não posso dizer que sou uma pessoa resiliente, eu preciso de um processo, preciso de um tempo para esse processo, é porque biologicamente eu já estou com muitos anos nesse mundo e já aprendi muita coisa, e na Educação Infantil eu acho que é isso, você tem que tá todo tempo se construindo e se construindo de novo e assim todo tempo (MARIA)

É importante destacar a fala da professora sobre ser ou não uma pessoa resiliente e citar que é necessário um tempo para o processo de resiliência. Pois entendemos a resiliência como um processo de superação e aprendizagens. Ao passar por dificuldades, a pessoa se mostra capaz de responder de forma mais consistente aos problemas e dificuldades com que se depara ao longo da vida. Desse modo, Monteiro (2001) diz que é necessária uma tomada de consciência para unir razão e emoção.

É interessante compreender as opiniões das participantes sobre a importância de pensar sobre as próprias atitudes, assim como as das crianças, para se reinventarem e se fortalecerem. É possível, então, refletir como elas enxergam em si e nas próprias crianças atitudes que ajudam o desenvolvimento da resiliência.

As respostas nos remetem também às palavras de Pereira (2010, p. 16): “podemos referir a existência de um par dialético – prazer e sofrimento –, presentes no cotidiano do exercício profissional dos professores”. É preciso saber lidar com acontecimentos que caracterizam sofrimento e tentar vivenciar os prazeres que

estão atrelados à profissão, pondera a pesquisadora. Questiona então: “do contrário, como poderia um profissional permanecer, desenvolver e desenvolver-se em um ambiente que só lhe causa sofrimento?” Devemos lembrar que é difícil permanecer trabalhando em um local que produz desconforto e, para tanto, precisamos estar preparados para superarmos as dificuldades que enfrentaremos ao longo da vida, estabelecendo relações com o meio ao qual estamos inseridos.

Tavares (2007) cita que na sociedade atual os professores também deverão ser encorajados e preparados para a resiliência. Ou seja, deverão saber encaixar e superar as dificuldades com que irão defrontar no exercício da sua profissão. Sendo assim, percebemos que é salutar o debate sobre o papel que a escola e o professor possuem, levando em conta suas próprias necessidades.

A partir da resposta da professora Daniele, questionamos como ela se sente quando não consegue manter o que planejou com as crianças, sua resposta foi: “Às vezes, eu fico um pouco frustrada, porque eu planejei aquela atividade bem direitinho e não fiz, se for mudar por conta deles, eu fico um pouco aliviada, mas, no geral, eu fico frustrada porque a gente quer que tudo siga como a gente planejou, bem direitinho”.

Precisamos criar um ambiente agradável, possível de acertos e erros, assim todos os atores educacionais perceberão a maravilha do conhecimento e entenderão que é possível errar e aprender com os próprios erros. Vargas (2009, p. 113) citando Pereira (2001) afirma que a resiliência é adquirida mediante a educação e pela experiência das dificuldades superadas, possível de desenvolver-se a partir das relações estabelecidas com o meio. Ou seja, percebe-se a importância de trabalhar a resiliência por ela ter a intenção de enfrentamentos nas mais diversas situações, permitindo o fortalecimento da identidade dos professores e educandos.

Daniele citou ainda fatores que facilitam a rotina com as crianças:

O que facilita é... eu acredito que quando eles têm, quando há um interesse, aí facilita bastante, quando eu vejo que eu acertei, que eu fiz alguma coisa que é bem dentro do contexto. Vou só te dar um exemplo: fiz uma atividade, eles já conheciam os clássicos, aí a Peppa tava na mídia e eu trouxe pra eles. Aí agora eu tô apresentando turma da Mônica, aí eu passo o desenho, e eles conheceram os desenhos, aí eu levei as revistinhas, aí eles adoraram tanto que pediram pra pintar e não estava no meu planejamento, mas surgiu assim do interesse deles, do vídeo eu vi, aí eu achei bem válido, isso também facilitou eu seguir uma rotina um pouco diferente.

Através de sua fala, identificamos que o fato de a rotina sair do planejado ainda é bastante difícil, pois ainda é um momento de desequilíbrio, e é necessário ser forte para compreender que isso faz parte da rotina escolar. Outro fator, também citado por Daniele, foi a intensa carga de trabalho que tinha antes de terem o direito de ter 1/3 da carga horária para planejar. Como relata a professora: “A rotina agora tá mais tranquila porque a gente tem o dia de planejamento, tanto o dia, como o terço, mas mesmo assim...”.

Ao questionarmos sobre quando aparecem as dificuldades e como elas tentam superar, surgem respostas:

Às vezes, quando eu não tenho a solução de imediato eu procuro ajuda, pergunto às meninas, alguma ideia. Por que quem tá de fora é mais fácil de ver do que você que tá ali dentro. Às vezes é super simples, mas você não tá atento. É tanta coisa naquele momento que uma pessoa de fora dando sugestão é mais fácil pra você que precisa de ajuda, uma sugestão (DANIELE).

Já a professora Ana respondeu que busca ajuda nas crianças. Questionado o fato de “se, por acaso, as crianças não conseguem ajudá-la, a quem ela recorre?”, Ana retruca: “Tento conversar com minhas amigas, as professoras, e às vezes até em casa, mas... mais aqui, conversar com alguém, desabafar”.

A seguir, a resposta da professora Maria:

Os que ajudam muito é isso, eu acho que o cerne do meu trabalho tá nesse lugar e o que eu vejo acontecer por causa de mim, aquilo que eu vejo acontecer tanto pro bem como também para o não bem, porque o não bem... aquilo que acontece me ajuda, assim, a superar aquela dificuldade [...] eu gosto demais das crianças, eu gosto, não nesse sentido poético, “aaah, eu adoro criancinhas, não é essa babaquice” eu gosto daquilo que eles me dão de volta, eu gosto da criança [...] gosto do que elas me dão, isso ajuda um bocado e o que mais atrapalha mesmo é o cansaço físico e aquelas outras dificuldades. Mas o que me ajuda é isso, eu gosto do lugar isso também ajuda pra caramba...

Nessas respostas, encontramos semelhanças nos pensamentos das três professoras. Percebemos que elas buscam “sair de si” e procuram ajuda no outro, seja em alguma companheira de profissão, seja nas próprias crianças. Pereira (2010, p. 44) acredita que, por meio do trabalho, somos capazes de “interagir com outros sujeitos, construir relações interpessoais que extrapolam o ambiente de trabalho, construir vínculos afetivos”. Sendo assim, interagindo e procurando

recursos no outro acreditamos que as professoras se sentem menos angustiadas ao precisarem de ajuda.

Segundo Pereira (2010), “a individualidade humana não pode ser desconsiderada e a relação possível entre as individualidades que fundam o convívio social, pois o ser humano é único, mas é um ser que se relaciona e que produz cultura” (p. 44). Assim, além da individualidade, as relações entre colegas é muito importante para o bem-estar no trabalho. Nesse aspecto, perguntamos para as professoras sobre como eram suas relações interpessoais. Daniele respondeu que eram bem tranquilas. Indaguei se as colegas de trabalho ajudam na rotina, e ela respondeu:

Ajudam! Às vezes, você precisa até de um objeto que está em outra sala... alguns desses objetos pedagógicos. E se você não tiver boa relação, você fica assim nem querendo pedir, não quer nem falar com a pessoa, ajuda demais. [...] Com auxiliar principalmente, às vezes, tem um bate-boca, aqui acolá, mas é bem tranquila essa parte. Eu acho que eu sou uma pessoa fácil de me relacionar.

Leitão (2006, p. 889) fala que a importância dos relacionamentos “parte do pressuposto de que as necessidades e interesses das organizações são as necessidades e interesses dos indivíduos de forma coletiva”. As necessidades começam na nossa complexidade e passam “pela emocionalidade das relações sociais e suas trocas intersubjetivas”. De tal modo, acreditamos que a facilidade nos relacionamentos interpessoais ajudam a fortalecer os processos de resiliência e facilitam habilidades sociais e influenciando os relacionamentos entre grupos.

Durante a conversa, a professora Ana falou que busca ajuda nas crianças, aproveitamos a oportunidade e questionamos como são as relações interpessoais com as demais colegas, uma vez que é possível sairmos de casa e não conseguirmos esquecer os problemas. Com relação a este aspecto, Ana respondeu: “Muitas vezes a gente realmente não consegue sair de casa e esquecer dos problemas e acaba trazendo pra cá. Tento lidar dessa forma, tentando disfarçar, deixar de lado, não deixar atingir o meu objetivo que eu quero com eles (com as crianças), usando sempre a afetividade com eles”.

Questionamos novamente sobre as dificuldades pessoais, se ela pede ajuda na escola, a alguma companheira de profissão, ao que ela retruca: “Não, eu

não peço. Assim, às vezes eu converso, mas ajuda, ajuda... assim não, tem aqueles desabafos pra você tirar o peso, não vai resolver, mas pode desabafar”.

Já a professora Maria respondeu:

Nós quatro chegamos juntas (referindo-se às outras professoras que estão na creche) e passamos por um negócio aqui muito forte, passamos juntas por isso, as que estão chegando agora são pessoas também que vão agregando, também tem coisas que eu gosto e coisas que eu não gosto nas meninas, mas é uma relação harmoniosa, e isso ajuda pra caramba, olha, como ajuda! Eu tiro pela criatura que antes era coordenadora (falando da antiga coordenadora, antes da atual), mas assim, eu não tinha vontade de voltar pra cá, mas a atual coordenadora (que na época era professora) dizia assim: fulana, o que importa são os meninos, mas é exatamente por isso, são só os meninos mesmo, porque se fosse depender... acaba que a gente se agrega muito, as meninas da cozinha, as meninas da limpeza, as professoras, as auxiliares, minha auxiliar é maravilhosa, tem visão, é uma pessoa boa, direita, trata bem as crianças, às vezes a gente ver as pessoas, né?... e aqui não existe isso. Essa harmonia do espaço, ela também ajuda um bocado, muito, ajuda demais.

Achamos de extrema importância relacionar as respostas das professoras com as palavras de Pereira (2010, p. 93). Para essa autora, é preciso entender que o contexto do trabalho é mais “complexo que a nossa capacidade individual de enfrentamento, daí a importância de construir formas coletivas de enfrentamento, principalmente, se estamos tratando do ambiente de profissional”. Com isso, achamos de extrema valia o fato de as professoras dizerem que, de alguma forma, acabam se fortalecendo no ambiente de trabalho, a fim de tornar o exercício profissional mais ameno, mesmo durante as adversidades. Percebemos que isso fortalece laços que ajudam na realização do trabalho, facilitando o enfrentamento de situações difíceis e conflituosas.

Durante as entrevistas com as professoras Daniele e Ana, surgiu a necessidade de perguntar como as crianças as auxiliam, quando estão se sentindo tristes. Vejamos o que elas dizem:

Ajudam, com certeza, às vezes eles chegam com aquele jeitinho, às vezes dizem “tia, tu tá linda!” Uma vez eu ajeitei os cabelos, e eles dizem “tia, teu cabelo é lindo viu?” Tem elogio, às vezes eles trazem aquele pedacinho de planta e dizem “tia, eu trouxe pra ti” (mostrou uma plantinha que tinha ganhado no dia). Aí eu já mudo, você vê a simplicidade, naturalidade da criança é tudo de bom e quem não gosta da Educação Infantil não consegue trabalhar não, quem não se identifica, porque não dá pra fingir que gosta não, ou você gosta ou você não gosta... e você tem contado direto, né? (DANIELE)

Acho que eu vejo mais com as crianças, eu tento sempre disfarçar que a gente... mas, às vezes, a gente não consegue, às vezes nem consegue se disfarçar. Eu tento mais olhar o jeitinho deles, a forma como eles conversam, o carinho deles, aquele abraço, às vezes eles estão na roda, chega um faz carinho no cabelo, me abraça, beija, com aquela conversinha deles, aí eu tento sempre deixar um pouquinho... aí essa forma de carinho deles facilita, aí você acaba, não esquecendo, mas deixando um pouquinho de lado. [...] Só que eles são crianças, mas observam, perguntam “tia, o que é a senhora tem?” e ficam questionando, às vezes a gente nem quer responder. Eles percebem, da maneira deles, mas percebem. (ANA)

Notamos, a partir das respostas acima, como a convivência com as crianças da Educação Infantil ajudam no fortalecimento do processo de resiliência das professoras que mediam as aprendizagens delas. Em complemento a esse pensamento, Monteiro (2001) acredita que existem características próprias da profissão dos educadores que devem ser observadas de forma peculiar, uma vez que esses profissionais lidam com a formação de seres humanos e trabalham com os aspectos cognitivos e afetivos, o que exige atitudes diversificadas para atender às diferentes demandas escolares e sociais dessas crianças. É através das interações entre adulto e crianças que acreditamos em um relacionamento que vai se fortalecendo no decorrer da rotina profissional. Arroyo (2013, p. 26) fala ainda que “aprender com os educandos a sermos educadores amplia e enriquece nosso projeto de realização profissional e humana”. Esse mesmo autor coloca ainda o professor com enfoque no humano e a partir daí considera sua docência também humanizada. Na realidade, a relação do professor com seu educando é inseparável da história humana e social destes.

Como mostramos anteriormente, as três professoras passam, em média, dez horas do dia na creche. Seus horários de trabalho são das 07:00 às 11:00 horas. Às 11:00 horas estão livres para almoço e descanso. Porém, as três relataram que constantemente ficam na própria creche durante essas duas horas, e retornam para as atividades nas salas às 13:00, indo até as 17:00h. Surgiu então o questionamento sobre como elas se sentem ao passar dez horas no local de trabalho. Nesse sentido, afirma Daniele:

Eu já morei longe no período de seis meses. Eu vinha lá da Praia do Futuro, e já chegava assim, cansada. E era aquela preocupação em não chegar atrasada e tudo. Hoje, os atrasos são só por causa dos contratempos por causa do bebê. Às vezes, por causa da menina; (referindo-se à babá), às vezes é a creche o problema. Mas eu já chego mais tranquila, já sei que é pertinho de casa, isso ajuda bastante. Eu acho que aumenta a qualidade de trabalho.

Questionamos o fato de ela morar próximo ao trabalho, se isso lhe facilitava e se ela ia a casa na hora do almoço. Ao que ela respondeu: “Às vezes, porque a gente faz almoço aqui, a gente dá a contribuição. Se o neném tiver em casa eu vou ver ele, tudo, e volto. Fica um pouco mais cansativo, mas vale a pena. Mas como ele geralmente passa o dia na creche eu nem vou, eu aproveito para descansar na hora do almoço”.

A professora Ana, que mora mais distante da creche, respondeu:

A gente acaba [...] sentindo um pouco de saudade da família, da casa, principalmente quando eu estou... além de estar aqui o dia todo, duas vezes... à noite eu vou pra aula (preparatório para uma seleção que ia acontecer na prefeitura), e mesmo os meus filhos já sendo grandes, eles precisam... a menina tem 11 e o menino tem 14 e eles precisam mesmo, né?

A professora Maria complementa:

Não tenho dificuldades. É tranquilo pra mim porque, como eu disse, eu sou a pessoa mais preguiçosa que eu conheço. Eu não faço nada na minha casa. Meu filho mais velho diz assim: “tudo pra minha mãe é a creche, tudo dela ela quer levar pra creche, ela fica mais tempo na creche”. Eu não vejo isso como uma cobrança, mas como uma constatação de exame, assim, é uma coisa que eu gosto, ela representa mais que um trabalho pra mim, é um outro nível, claro que a grana é legal, que a estabilidade é massa, mas eu não tenho outras coisas me cobrando lá fora, não tenho marido, não tenho mais filhos pra levar na escola e pra mim é fácil, já tô numa idade que é mais tranquilo do que pras meninas, agora tem o outro lado da idade né, cinquenta e seis anos você já não tem mais a mesma disposição, você já não é mais...

Como podemos observar, elas já estão acostumadas ao fato de ficarem na escola no horário de almoço, mas como é visível nos seus depoimentos as três professoras de alguma maneira citam a família, mais especificamente a saudade dos filhos. Mas percebemos que Daniele e Ana citam os filhos como dependentes delas, e por isso precisam, da maneira como conseguem, prestar-lhes uma assistência maior.

Já a professora Maria deixa claro que os filhos não são mais tão dependentes dela e com isso se sente mais livre para passar mais tempo fora de casa. Acreditamos que o fato de Maria se sentir mais livre influencia ainda mais no fortalecimento de sua resiliência no ambiente de trabalho. Porém, o fato de Daniele e Ana sentirem saudades das suas famílias não quer dizer que elas não sejam

peessoas resilientes. Na verdade, elas usam estratégias de resiliência para se manterem fortes e lidarem com a saudade de suas famílias.

Para finalizar a conversa, discutimos sobre o fato de que, em alguns momentos, é necessário ir trabalhar triste e até com raiva. Questionamos então como elas fazem para conseguir lidar com esses momentos na rotina profissional. Vejamos o que elas falam acerca disso:

Eu tento, assim... quando eu vejo eles, a gente vê a alegria deles... eu tento esconder um pouco. Mas já aconteceu de eu estar com raiva de outras coisas e meio que acabei descontando neles, por que a gente também é humano e a gente erra. Mas já aconteceu de eu ser fria e tudo. Mas depois eu vi que eles não tinham culpa disso, mas acaba refletindo, tudo que a gente sente reflete na criança. Como mãe e como professora também. [...] E eu nem gosto de ser assim, quando eu tô com raiva fico meio ríspida (...) depois você não se sente bem (...) sou bruta, bruta, assim no sentido de falar. Então, eu penso que eles não merecem isso, que às vezes em casa eles só têm isso, só recebem isso e eles vêm pra escola já pra receber outra coisa e o aprendizado quando é com amor, com carinho ele resplandece no rosto deles. [...] A relação é muito importante, até entre eles quando têm uns atritos, a gente vai conversando e eu acho que esse afago, esse abraço, esse calor... eles estão nessa fase que eles precisam muito e a gente tem que dar mesmo. (DANIELE)

Pereira (2010, p. 103) afirma que, a partir da análise do cotidiano, o professor pode ressignificar as experiências vividas, e “tirar proveito dos conflitos, de modo a adotar uma atitude resiliente”. Arroyo (2013) mostra a sala de aula como espaço privilegiado para abrir caminhos e “explorar outras funções e outras verdades para o enriquecimento da profissão docente”, alertando para a necessidade de o professor se cuidar e investir mais no seu autoconhecimento. Assim, acreditamos que é necessário o professor estar bem para que as relações se deem de forma positiva no espaço escolar.

Achamos importante o fato de a professora Daniele afirmar que tem clareza que não deveria passar para as crianças sua irritação e de como busca nelas sua força para esquecer seus problemas. Pereira (2010, p. 102) afirma que a resiliência

se origina do aspecto psicológico do sujeito na interação com o ambiente, com os estímulos, com o apoio recebido ou percebido através do suporte, através das relações estabelecidas e que podem contribuir, ou não para o enfrentamento e superação das adversidades.

Com isso, entendemos como as interações entre professores e crianças fortalecem o desencadear da resiliência, tanto no professor, como na criança.

Na verdade, para as três professoras, é perceptível a difícil tarefa de disfarçar seu mal estar para conseguir ficar tranquila com as crianças. Vejamos o que elas dizem: “Não consegue (sair de casa e deixar os problemas lá) e acaba trazendo pra cá e tento lidar dessa forma, tentando disfarçar, deixar de lado, não deixar atingir o meu objetivo que eu quero com eles, usando sempre a afetividade com eles” (ANA).

É muito difícil. Cerca de dois anos atrás eu passei uma dificuldade muito grande na minha família, uma doença muito séria, com uma pessoa na família (...) as meninas disseram que eu apaguei, disseram que eu não tinha mais brilho nenhum, eu simplesmente apaguei, eu vinha, fazia minhas coisas mecanicamente e voltava pra minha casa curtir a minha dor, foi uma coisa muito dolorosa, superou-se graças a Deus (...) como eu lidei com isso? Da pior forma possível, porque eu simplesmente apaguei, minha luz apagou, a antiga coordenadora dizia isso pra mim, “você está sem luz, sua luz apagou”, foi muito difícil... mas passou, graças a deus. Mas isso se refletiu como lá nos meninos, né? Assim, não tinha vida, as coisas que eu fazia não tinham sentido, tudo que eu fazia não tinha vida, era mecanicamente, foi dessa forma que a dor doeu, não quero passar de novo pra ver como vai ser. (MARIA)

Achamos importante destacar que o fato de ela dizer que, se não tivesse passado por uma grande dificuldade como passou, “há dois anos atrás” não saberia como responder à pergunta. Isso parece mostrar como a resiliência não é um fator inato, e sim uma característica que se desenvolve durante a vida. Um indivíduo pode ser resiliente em um momento e padecer em outro. Apesar de se envolver muito no trabalho que exerce, no momento citado por Maria, o exercício profissional não a ajudou a ser uma pessoa resiliente. Tal fato nos remete novamente ao que diz Pereira (2010, p. 95) “refletir sobre a própria prática e sobre a vida pode ajudar a enfrentar melhor os estressores”, e procurar recursos e fortalecer recursos internos.

Na verdade, refletir sobre si e sua prática facilita o surgimento e o desenvolvimento da resiliência das professoras. É como afirma Pereira (2010): “para a satisfação e o prazer em fazer o que faz, fortalecendo a autoestima, a sensação de que se é competente, fortalecendo as relações de confiança e, conseqüentemente ampliando a rede de suporte social” (p. 95). Arroyo (2013, p. 29) acredita que

as tensões identitárias não são apenas entre ensinar ou educar, mas entre as tensas indagações ao nosso ensinar que vem dessas vivências, da infância-adolescência. Ou a percepção de que é inseparável ensinar a seres humanos e levar em conta suas formas de viver, mal-viver como humanos. Trazer a função educativa para nossa identidade profissional é uma exigência do olhar sobre os educandos.

Observamos, então, que nos processos de desenvolvimento as relações que estabelecemos com os outros nos possibilitam experiências riquíssimas para um crescimento profissional e, acima de tudo, pessoal.

As dificuldades são vistas pelas professoras como algo inerente ao trabalho de professor. Deste modo, não se deixam abater no dia a dia, mostrando que conseguem passar pelos transtornos e se manterem firmes no objetivo de possibilitar crianças da Educação Infantil se desenvolverem integralmente.

Para finalizar, vale ressaltar que os resultados obtidos neste trabalho fazem parte de uma pequena amostra que é o grande universo da docência de crianças pequenas. Contudo, apesar disso, podem ser considerados significativos e representativos da realidade das professoras de Educação Infantil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como tema fundamental saber como professoras da Educação Infantil passam pelas adversidades do cotidiano profissional. Como já foi mostrado na introdução, o objetivo principal foi investigar como professoras da Educação Infantil da rede municipal de ensino de Fortaleza procederam diante dos sofrimentos oriundos do contexto profissional e, por meio do conceito de resiliência, refletir quais os meios utilizados por elas para enfrentá-los.

Após terem sido expostos vários conceitos, bem como a relevância deles, concluímos que a resiliência deve ser trabalhada de forma constante na prática profissional das professoras, para que auxilie em um resultado cada vez mais efetivo e positivo no processo de ensino e na subjetividade de todos os indivíduos que fazem parte da escola.

No que diz respeito à pesquisa realizada, foi possível constatar que as três professoras participantes buscam lidar positivamente ao se depararem com os problemas que aparecem no dia a dia da profissão. Tal comportamento nos faz acreditar que, apesar das dificuldades, elas buscam mecanismos para se fortalecerem nas situações mais adversas.

A partir da análise das conversas foi possível perceber que os problemas vão repercutindo no cotidiano da docência infantil, provocando estresse e conflitos. Dentre os fatores mais estressantes identificados nas falas das colaboradoras nos chamou atenção, de modo especial, o comportamento dos educandos e as modificações nas atividades planejadas para o dia.

Percebemos que o fato de as crianças serem “*agitadas*” (sic), e não aceitarem participar de algumas atividades propostas pelas professoras, acabava desequilibrando as docentes.

Pereira (2010, p. 94) fala que “o trabalho docente permite ao professor o exercício do pensar, de refletir, de transformar e transformar-se a partir da sua prática”. No entanto, para as professoras entrevistadas, não cumprir um roteiro de atividades previamente definido gera estresse. Assim, parece-nos que é necessário pensar em alternativas e respeitar a subjetividade das crianças, entendendo que a criatividade e a mudança fazem parte do dia a dia da Educação Infantil. Saber disso e assim se comportar pode ser fator de resiliência.

Encontramos também dificuldades burocráticas no exercício da docência, como a elaboração do plano. Porém, percebemos que ao citar essa dificuldade, a professora estava buscando superá-la, não parecendo ser um fator de extrema importância para o desenvolvimento de um trabalho de qualidade com as crianças.

Percebemos também dificuldades na estrutura física da creche, como salas pequenas e banheiros que não respeitam a individualidade das crianças. Refletindo sobre esses fatores, verificamos que algumas dificuldades enfrentadas pelas professoras de crianças pequenas vão além de dificuldades subjetivas, estendendo-se até falhas na administração pública municipal. Os principais percalços administrativos dificultadores do trabalho e, portanto, geradores de estresse, são: Poucos recursos financeiros e uma quantidade de crianças elevada para uma só professora.

Refletindo sobre esses agentes causadores de estresse nos remetemos às palavras de Poetini (2010, p. 4), a qual percebe a escola como um instrumento de desenvolvimento individual, social e coletivo que colabora para a transformação do ser. Essa mesma autora afirma que a escola deve agir como mediadora de conflitos e estimular atitudes inovadoras que venham a contribuir com a saúde de seus profissionais, uma vez que é esse profissional que prepara cidadãos para a sociedade e exerce forte influência sobre seus educandos. Acreditando que a escola é um lugar na qual todos socializam e aprendem, é salutar que ele tenha profissionais saudáveis e capazes de refletirem sobre as suas práticas e busquem alternativas para o desenvolvimento e cumprimento de suas funções. Porém, achamos necessário ainda deixar claro que é imprescindível que o poder público cumpra suas obrigações.

Ao longo da análise, encontramos também dificuldades de ordem subjetivas, dentre elas:

- Dilema entre a teoria e a prática;
- Desconstrução da concepção de criança;
- Superação das limitações cognitivas e afetivas das crianças;
- Superação de dificuldades pessoais;
- Idade mais avançada, acarretando à falta de disposição;
- Problemas na família;

- Passar muito tempo fora de casa, remetendo-nos, então, à saudade da família;
- Falta de dinheiro;
- Trabalho cansativo;
- Morar longe do trabalho.

É nesse contexto que nos remetemos, mais uma vez, à Poetini (2010) que acredita ser urgente o desenvolvimento da resiliência no ambiente escolar, pois no mundo moderno o professor não é apenas um mediador do conhecimento, ele é, na maioria das vezes, um agente socializador que busca ajudar o educando e a comunidade escolar com valores e comportamentos éticos saudáveis.

Assim, acreditamos que ao passar por situações estressantes e usarem estratégias de resiliência para se manterem fortes, saindo dessas dificuldades fortalecidas, as docentes desenvolvem sua saúde mental. Dessa maneira, remetemo-nos às palavras de Pereira (2010, p. 103) que acredita que “a partir da análise do cotidiano, o professor pode, em uma tentativa de ressignificar as experiências vividas, de forma a tirar proveito dos conflitos, de modo a adotar uma atitude resiliente”.

Percebemos que, ao passar por situações difíceis, as professoras buscam alternativas que amenizam o sofrimento, por exemplo, quando possível ir em casa na hora do almoço ver o filho. Acreditamos que é preciso ter equilíbrio e acreditar nas suas capacidades de resoluções de seus problemas e confiar que podem superar suas dificuldades por meio dos seus próprios esforços. Assim, o fortalecimento da resiliência pode ser desenvolvido cotidianamente, tanto na vida profissional, como na vida social.

Consideraremos também outros pontos importantes nos quais a resiliência auxilia no desenvolvimento do ser, tais como reconhecer-se capaz de adquirir ferramentas que auxiliam no enfrentamento das dificuldades e criar mecanismos que ajudem a superá-las, tendo como principal objetivo a aprendizagem e o fortalecimento interior.

Dessa forma, destacamos a seguir os itens identificados durante a análise das respostas que fortalecem e ajudam no cotidiano docente:

1. Interesse das crianças em participar das atividades: Anteriormente, vimos que o fato de as crianças não participarem de alguma atividade desequilibrava

a professora. Posteriormente, ela cita que a criança gostar e querer participar da atividade proposta por ela causa alívio e a faz pensar que está sendo essencial no desenvolvimento da criança.

2. O direito de ter um terço da carga horária para planejar o tempo com as crianças: No primeiro artigo da lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008, Lei do Piso Salarial dos professores, no seu inciso 4º (quarto), é assegurada na composição da jornada de trabalho, o limite máximo de 2/3 (dois terços) da carga horária para o desempenho das atividades de interação com os educandos. Deixando claro que é necessário no mínimo 1/3 (um terço) da jornada destinado às chamadas atividades extraclasse. Isso nos faz acreditar que um tempo para planejamento ajuda no processo de reflexão do cotidiano do trabalho e de busca de atividades que enxerguem as crianças como sujeitos ativos, facilitando, conseqüentemente, o envolvimento delas nas atividades. Queremos deixar claro também que, apesar de 1/3 (um terço), as atribuições burocráticas são muitas, e comumente há sobrecarga no trabalho docente.

3. Boas relações interpessoais: O fato de poder contar com a ajuda das colegas sempre que necessário para conversar e desabafar é um fator extremamente importante para a resiliência. Percebemos durante a entrevista que a maioria das professoras começaram a trabalhar na creche no mesmo ano. Com isso, ao longo dos anos foram criando laços afetivos de amizade, possuindo então uma relação harmoniosa entre si. Acreditamos que a facilidade nos relacionamentos interpessoais ajuda a fortalecer os processos de resiliência e facilita habilidades sociais, influenciando, desse modo, os relacionamentos sociais entre grupos e fortalecendo-se internamente.

4. Gostar de trabalhar com crianças: Partindo desse achado, salientamos a ajuda que espontaneamente as crianças dão às professoras. Mesmo sem serem solicitadas elas são carinhosas e constantemente elogiam as professoras. Por meio dos relatos, percebemos que esses elogios influenciam na autoestima das docentes.

5. Morar perto da escola: Percebemos que esse é um aspecto extremamente importante. Morar perto do local de trabalho facilita o deslocamento. Para as professoras, até a qualidade e desempenho no trabalho é maior pelo fato de não precisarem deslocar-se muito, fazendo com que as docentes cheguem mais tranquilas e equilibradas no trabalho.

6. Estabilidade por ser funcionária pública: Percebemos que esse aspecto é positivo no sentido de a professora possuir mais liberdade pedagógica para atuar em sala de aula.

7. Não ter filhos pequenos esperando em casa: A saudade da família foi referida como um aspecto causador de estresses. Ao mesmo tempo, a ausência de filhos pequenos não gera conflitos internos que podem prejudicar a rotina profissional.

Achamos importante considerar a maneira como as professoras da pesquisa foram generosas em mostrarem pontos de desconfortos para elas. Para nós, o que foi bastante perceptível na análise das falas foi que, apesar de todas as dificuldades, nossas colaboradoras buscam dar o melhor de si, tentam proporcionar às crianças interações e desenvolvimento de qualidade. A partir disso, relevamos ainda a extrema importância do tema ser abordado na formação inicial dos professores. Citamos o local de trabalho como um dos principais agentes socializadores. Acreditamos que trabalhando a resiliência no começo da vida profissional de todos os indivíduos estarão preparados para superar os problemas que aparecerão no dia a dia da sua profissão. Além disso, pensamos que também será um modo de fazê-los entender a resiliência como fundamental para um desenvolvimento integral e fortalecido, e que esses processos sejam os mais saudáveis possíveis.

Por fim, concluímos destacando que a resiliência está vinculada ao desenvolvimento e ao crescimento humano. Sendo assim, torna-se essencial para o trabalho docente na Educação Infantil que a resiliência possa ser trabalhada e incentivada. É por meio dela que as professoras enfrentam e superam as dificuldades vividas cotidianamente na profissão. E é buscando ajudar nos processos da vida que a resiliência faz com que a rotina profissional se torne mais salubre.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Márcia Camila Souza de; NAVARRO, Elaine Cristina Navarro. Afetividade na educação infantil. Interdisciplinar: **Revista Eletrônica da Univar**, 2012, n.º 7, p. 1 – 7. [On-line]. ISSN 1984-431X. Disponível em: <<http://revista.univar.edu.br>>. Acesso em: 7 jan. 2015.
- ARAÚJO, Eliana Cristina Lino De. **Processo de Resiliência com Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social**. Palhoça, 2009.
- ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Superação de dificuldades na infância e adolescência: conversando com profissionais de saúde sobre resiliência e promoção da saúde**/Simone Gonçalves de Assis; Joviana Quintes Avanci; Renata Pires Pesce; Suely Ferreira Deslandes. — Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2006. 68p.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Resiliência: enfatizando a proteção dos Adolescentes**. Simone Gonçalves de Assis; Renata Pires Pesce; Joviana Quintes Avanci. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ASSIS, Simone Gonçalves de. **Resiliência na adolescência: refletindo com educadores sobre superação de dificuldades**/ Simone Gonçalves de Assis; Joviana Quintes Avanci; Renata Pires Pesce; Kathie Njaine. — Rio de Janeiro: FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/ CNPq, 2008. 68p.
- BARREIRA, Diná Dornelles; Antonieta Pepe Nakamura. **Resiliência e a autoeficácia percebida: articulação entre conceitos**. Aletheia, n.23, p. 75-80, jan-jun, 2006.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1994. 48p.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei Federal nº 8069, de 13 de julho de 1990. Índice elaborado por Edson Seda. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1994.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 23/12/1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de Julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 17 jul. 2008, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. PARECER CNE/CEB nº: 20/2009. Brasília - DF, 2009.

BRASIL. **Práticas Cotidianas na Educação Infantil – Bases para Reflexão sobre as Orientações Curriculares. Projeto de Cooperação Técnica MEC / Universidade Federal do Rio Grande do Sul para Construção de Orientações Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília, MEC/Secretaria de Educação Básica/ UFRGS, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relat_seb_praticas_cotidianas.pdf>. Acesso: 26 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de Junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 26 jun. 2014, p. 1. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/pne.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

CAVALCANTE, Maria Zilma Gurgel. **Crescer através do Sofrimento: Aquisição da Resiliência e do Coping no estresse do luto na velhice**. 1ª ed. São Paulo: Cia dos Livros, 2011.

CEARÁ. Secretaria de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação do Estado do Ceará – Fortaleza: SEDUC, 2011.

CRAIDY, Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio – Século XXI**. Versão Eletrônica Integral. Editora Nova Fronteira. Novembro. 1999.

JÚNIOR, Álvaro Francisco de Brito; JÚNIOR, Nazir Feres. A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITÃO, Sergio Proença; FORTUNATO, Graziela; FREITAS, Angilberto Sabino de. **Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações**: uma visão biológica. RAP Rio de Janeiro, v. 40, n. 5, p. 883-907, Set./Out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n5/a07v40n5.pdf>>. Acesso em: 2 jan. 2015.

MICARELLO, Hilda Aparecida Linhares da Silva. **Professores da pré-escola: trabalho, saberes e processos de construção de identidade**. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Departamento de Educação, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 2. ed. SP: HUCITEC/ RJ: ABRASCO, 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2012. 108p.

MONTEIRO, Denise Schulthais dos Anjos; PEREIRA, Luciana Fernandes; SARMENTO, Marilza Rodrigues; MERCIER, Tânia Maura de Aquino. **Resiliência e pedagogia da presença**: intervenção sociopedagógica no contexto escolar. Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia - Faculdade de Comunicação e Educação, das Faculdades integradas de São Pedro - Campus II, junho, 2001.

OLIVEIRA, Z. R. O currículo na Educação Infantil: o que propõem as novas diretrizes curriculares? **Anais do I Seminário Currículo em Movimento Perspectivas atuais**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG, 2010.

PRADO, Alessandra Elizabeth Ferreira Gonçalves. **Representações sociais sobre a profissão docente**: a visão de formadores de professores de educação infantil. Campinas: PUC-Campinas, 2011.169p.

PEREIRA, Fernanda Almeida. **Ludicidade e resiliência**: como professoras de educação infantil lidam com o prazer e o sofrimento no contexto educativo. 2010. 276f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2010.

PESCE, Renata P; ASSIS, Simone G Risco; SANTOS, Nilton; OLIVEIRA, Raquel de V. Carvalhaes de. Risco e Proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Mai-Ago 2004, v. 20, n. 2, p. 135-143.

POLETTO, Michele; KOLLER, Sílvia Helena. **Contextos ecológicos**: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção e Estudos de Psicologia. Campinas, v. 25, n. 3, p. 405-416. julho-setembro, 2008.

POETINI, Nádia Cinara Alves. **Estratégias resilientes no contexto educacional**: uma contribuição ao exercício da profissão docente. 2010. 56f. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - Campus Uruguaiana, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Uruguaiana, 2010.

RIPAR, Aline Aparecida; EVANGELISTA, Fabiana S. F. Q; PAULA, Fräulein Vidigal de. Resiliência e gênero. **Psicólogo inFormação**. Ano 12, n.12, jan./dez. 2008.

SCRIPTORI, Carmen Campoy; JUNIOR, Jair Fortunato Borges. Discriminação e preconceito como fatores de violência e atitudes docentes como fator de promoção de resiliência na escola. **Educação**. Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 431-448, set./dez. 2010.

SILVA, Fernanda Costa Fagundes, GUIMARÃES, Márcia Campos Moraes. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino - **O professor de educação infantil: cuidar ou ensinar? Um novo olhar**. IV EDIPE – Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino, 2011.

SOUSA, Carolina Silva. Competência educativa: o papel da educação para a resiliência. **Revista “Educação Especial”**, n. 31, p. 09-24, 2008, Santa Maria. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>>. Acesso em: 22 mar. 2011.

SOUSA, Carolina Silva. **Motivação, Resiliência e Educação**: perspectivas e futuro. Universidade do Algarve Portugal II SIPASE – Seminário Internacional Pessoa Adulta, Saúde e Educação: Motivação em Diferentes Cenários, Porto Alegre, 2009.

TAVARES, J. **Encorajamento e resiliência dos professores e educadores**. Fortaleza, 2007. Palestra. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pidS1413-73722003000300010>. Acesso em: 22 mar. 2011.

VARGAS, Cláudio Pellini. O desenvolvimento da resiliência pelas adversidades da escola. **Revista Espaço Acadêmico**, Mensal, nº 101, out. 2009. ISSN 1519-6186.

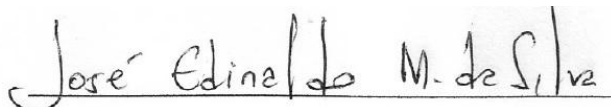
WALSH, Froma. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. (1ª ed. 1998), São Paulo: Editora Roca Ltda., 2005.

YUNES, Maria Angela Mattar. Psicologia Positiva e Resiliência: O foco no indivíduo e na família. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, núm. esp., p. 75-84, 2003.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO ORTOGRÁFICA

Eu, José Edinaldo Monteiro da Silva, casado, CPF n.º 903.910.803-00, Carteira de Identidade n.º 970020169-34, SSP-CE, graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, portador do diploma de n.º 86004, devidamente registrado no Ministério da Educação, declaro, para a Universidade Federal do Ceará (UFC)/Faculdade de Educação (FACED), que revisei o trabalho de conclusão de curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, intitulado **“A IMPORTÂNCIA DA RESILIÊNCIA PARA AS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES INTRODUTÓRIAS”**, de **MONA SARA DOS SANTOS GUIMARÃES**. Declaro ainda que o presente trabalho de conclusão de curso encontra-se de acordo com as normas ortográficas e gramaticais vigentes, com o manual de normalização da UFC e normas vigentes da ABNT.

Fortaleza, 04 de fevereiro de 2015



José Edinaldo Monteiro da Silva
CPF: 903.910.803-00

Graduado em Letras Port. e Literaturas de Língua Portuguesa – UFC